

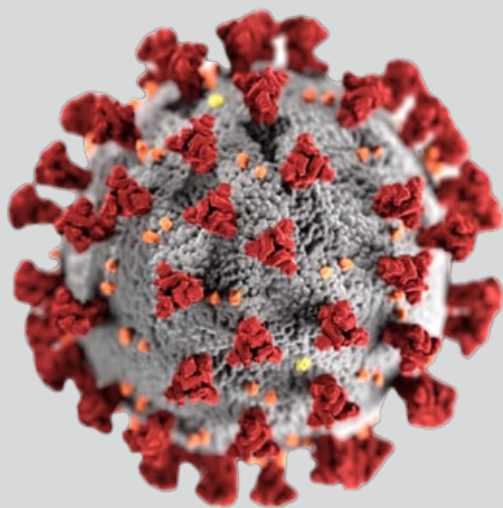
# PERFIS:

## JORNALISTAS

EM UMA

## PANDEMIA

*Litália Araújo*



**PERFIS: JORNALISTAS EM  
UMA PANDEMIA**

# Perfis: Jornalistas em uma pandemia

Direção Editorial: Rackel Cardoso  
Revisão de texto: Estevão Barbosa <sup>1</sup>  
Diagramação: Litália Araújo  
Arte de capa: Ingrid Dominique <sup>2</sup>

Campina Grande, PB - Brasil  
2023

Essa obra é dedicada a todas as  
pessoas que não resistiram e partiram  
em consequência da Covid-19.

# SÚMARIO

- 1 PREFÁCIO POR: RACKEL CARDOSO
- 2 APRESENTAÇÃO POR: MICHELE WADJA
- 3 NOTA DO AUTOR
- 4 SABRINA LIMA: DAS TELAS DA TV PARA O HOME OFFICE
- 5 RAFAEL MELO: COMUNICAÇÃO PÚBLICA E GESTÃO DE CRISE, DESDOBRAMENTOS DE UMA PANDEMIA
- 6 LEONARDO ALVES: UM JOGO COM ARQUIBANCADAS VAZIAS
- 7 MARINA MAGALHÃES: NOTÍCIAS POR CORRESPONDÊNCIA

8 NELSINA VITORINO: MULHER, MÃE,  
ESPOSA, JORNALISTA, HUMANA E  
REFERÊNCIA NO FOTOJORNALISMO  
PARAIBANO

9 DENISE DELMIRO: ÂNCORA NO  
PRIMEIRO HOME STUDIO DA PARAÍBA

10 CARLOS SIQUEIRA: O CHEFE DA CASA

11 ANA SOUSA: OS BASTIDORES QUE  
NINGUÉM VÊ

12 TAIGUARA RANGEL: REMANDO  
CONTRA A MARÉ DA  
DESINFORMAÇÃO

13 HIPÓLITO LUCENA: UM ROTEIRO DE  
ESPERANÇA

14 SOBRE O AUTOR

# PREFÁCIO

A pandemia da Covid-19 foi inesquecível, mas ao mesmo tempo foi algo que todos gostaríamos de esquecer. Assim como a doença, o isolamento social trouxe mudanças e dores. E a boa informação foi crucial para todo o mundo.

É impossível negar o importante papel do jornalismo nesse período, até mesmo os mais críticos e desacreditados da mídia precisaram das informações que partiam de fontes sérias e bem apuradas. Foi também um período de muitas Fakes News e muito combate à elas.

Assim, com tamanha responsabilidade, que já está intrínseca ao jornalismo, ele teve que assumir seu papel de protagonista, para salvar vidas. Eu, em casa e distante há pouco tempo das redações, formando novos jornalistas através das aulas online na Universidade Estadual da Paraíba, por muitas vezes parava e imaginava tamanha dificuldade que era fechar cada edição do jornal nesse período e sofria pelos amigos que lá estavam. Além do cuidado com a própria vida e a vida de familiares, com tamanha exposição que os repórteres enfrentavam na linha de frente, soma-se a luta para uma melhor apuração, evitando outros problemas. Como também a adaptação de equipamentos de segurança e tecnologia.

Vencemos! A pandemia, que tirou muitas vidas e deixou sequelas em muitas famílias, enfim acabou, graças a muitos heróis, de linha de frente ou não, muita gente teve papel fundamental para que chegássemos onde estamos, e alguns desses heróis foram os jornalistas. Da assessoria à TV, do rádio ao digital, todos tiveram alguma contribuição para informar a verdade e salvar vidas.

Quando penso que os jornalistas da Secretaria de Saúde de Campina Grande precisaram mudar a redação para dentro do Hospital Municipal Pedro I, hospital referência de enfrentamento à pandemia na cidade, penso o quanto foram corajosos em não desistir da profissão mesmo diante dos ossos do ofício. Assim como os profissionais do telejornalismo, que tiveram que muitas vezes ensinar aos personagens a melhor forma de gravar a entrevista sozinho, em

casa, antes acostumados com a conversa olho no olho, precisaram adaptar-se às entrevistas através da tela. E mesmo os que foram afastados para trabalhar home office tiveram que adaptar-se ao novo e inesperado. Nunca imaginei que um dia o estúdio do Bom Dia Paraíba, jornal do qual tive o prazer de fazer parte por alguns anos, pudesse ser montado, literalmente, na sala da casa da apresentadora para garantir a segurança dela e dos demais profissionais.

Assim foi a pandemia pelo olhar jornalístico e são essas histórias que esse e-book deixa escrito para a posteridade, através da vida de dez jornalistas cuja dedicação nos trouxe até esse momento de poder registrar tudo aqui.

O jornalismo é algo que vive em constante mudança, à medida que a história muda, que a tecnologia avança, ele vai se adaptando e se reformulando. Assim, não podemos deixar que essas histórias sejam esquecidas, todas as mudanças e surpresas da pandemia, por mais que nos tragam por vezes lembranças dolorosas, precisavam estar registradas na história para a posteridade.

**Rackel Cardoso<sup>3</sup>**

### **Perfis: Jornalistas em um pandemia**



# APRESENTAÇÃO

Conheci Litália em 2021, ou melhor, a fotografia dela. Estávamos em plena pandemia, quando retornei à UEPB como professora e as aulas foram realizadas de forma virtual. A imagem de uma menina linda, de olhos claros, e cabelo ruivo - que somente anos depois descobri que era rosa - era marcante entre outras. O Nome próprio que nos remete a um país, Itália, também ajudou a associar o nome à imagem. Em plena pandemia, aquela estudante foi naturalmente se destacando como participativa, inteligente, responsável, interessante e sobretudo interessada.

Para professores ou estudantes esse período foi igualmente desafiador.

Em 2021, o Brasil viveu o pior ano da pandemia, foram seis meses com a média de mortes acima de mil por dois meses obtivemos uma média acima de 2 mil mortos por dia. O mês de abril, deste ano, foi mais letal da pandemia: 3.125 morreram em apenas 24 horas. Medo, ansiedade e angústia foram partilhados nas aulas virtuais, mas esse momento também foi marcado pela vontade de aprender, por alunos interessados, resilientes e Litália foi um desses exemplos.

Com o fim da pandemia e o início das aulas presenciais tivemos um contato mais próximo, mais especificamente na disciplina de Jornalismo de Revista. Sempre comprometida com a produção jornalística durante o curso, pude ver pessoalmente que Litália era uma aluna que além de expressar o que pensava, agia como pensava. Ações de compromisso e responsabilidade eram adicionadas ao talento e a capacidade de produzir excelentes reportagens. Portanto, o resultado, robusto, desse trabalho de conclusão de curso não é uma surpresa para quem a conhece.

A produção deste e-book com relatos de 10 profissionais da comunicação regional, durante a pandemia, prenuncia que estamos diante de um trabalho sofisticado, audacioso, atravessado por emoções e pela sensibilidade de Litália. Apresento, com orgulho, a autora desta obra e espero que vocês consigam conhecê-la não ape-

nas, pela foto, ou pessoalmente, mas também pela riqueza de seus textos e de seu olhar jornalístico. Eis que da pandemia surge não apenas uma jornalista, mas ousou dizer uma escritora. Para a menina ruiva da fotografia, que “quase” tem nome de país, desejo que o mundo seja o limite.

**Michele Wadja<sup>4</sup>**

**Perfis: Jornalistas em um pandemia**

# NOTA DO AUTOR

Ao longo das páginas e nas histórias que eu registrei através dos relatos dos próprios personagens, você vai descobrir um pouco mais sobre os jornalistas que mesmo sem escolher estiveram no meio de uma guerra. Uma classe que sempre esteve presente independente dos fatos, honrando um compromisso com a verdade e o ato de comunicar.

Quando iniciamos nossa jornada, uma das primeiras coisas que ouvimos é: "O jornalista é um agente social, ele trabalha para o povo e em nome do povo", esse dito que por vezes pode ser até mesmo esquecido, mas nunca deixará de ser lembrado por muitos.

Se você chegou até aqui, prepare-se para ler o outro lado da notícia, o lado de quem produz a notícia.

Essa obra levou em torno de dois anos para ser finalizada, ela representa uma jornada cheia de obstáculos, e escrever suas últimas páginas são um alívio, pois sei que finalmente a considere pronta para dividir com vocês.

Conhecer mais de cada profissional que reuni aqui é de extrema importância e empolgação, sinto-me privilegiada em contar essas histórias ao mundo. Espero um dia contar a sua história também, ela merece ser registrada. Desejo uma boa leitura!

**Litália Araújo** <sup>5</sup>

**Perfis: Jornalistas em um pandemia**

**4**

## **SABRINA LIMA: DAS TELAS DA TV PARA O HOME OFFICE<sup>6</sup>**

Sabrina, foi uma das primeiras a praticar o jornalismo transmídia na emissora local em que trabalhava e precisou adaptar-se durante a pandemia a fazer o jornalismo home office.

**Perfis: Jornalistas em um pandemia**

11

## **EMBARCANDO NO DESCONHECIDO: ADAPTAR-SE DURANTE A PANDEMIA**

Nascida na cidade de Nova Iguaçu, no estado do Rio de Janeiro, considera-se mais paraibana que carioca, e não esconde esse sentimento quando revela entre risos a informação. Aos nove anos de idade veio com a mãe e o irmão morar na cidade de Campina Grande, na Paraíba, após o divórcio dos pais. Relembra um momento da infância, quando pensava no futuro: “Eu era uma criança muito tímida e o jornalismo nem passava na minha cabeça, eu pensava em ser pediatra. Lembro que na oitava série eu comecei a ser menos tímida, e comecei a me apaixonar pela comunicação, lidava bem e gostava das apresentações da escola e performances. Sempre fui apaixonada pelo Jornal Hoje (Jornal do meio-dia da emissora Globo) pela Sandra Annenberg que apresentava o jornal. Um dia cheguei para minha mãe e disse que ia fazer jornalismo, e daí para frente a minha escolha não mudou”.

Com um sorriso estampado no rosto relembra os tempos da graduação, e as expectativas iniciais: “Quando eu cheguei, esperava aprender a mexer nos equipamentos, na minha cabeça eu iria para a bancada, vou aprender a ser jornalista. Mas é tudo muito diferente, você começa pela teoria, vai ler bastante. O primeiro grande ‘baque’ foi esse para mim, não tinha prática, era muita teoria nos primeiros anos e eu fui seguindo na espera de chegar os momentos de prática”. A parte prática só chegou por volta do terceiro período da graduação, e foi nesse momento que Sabrina encontrou-se dentro da profissão, descobrindo habilidades para o telejornalismo.

Apontando os perrengues do dia a dia da profissão, ela conta: “Tem dia que você quer abandonar tudo, e em outro você ama tudo (risos)”. Quando entrou na TV e era escalada para trabalhar aos feriados, enquanto todos viajavam a família a questionava sobre a escolha pro-

fissional e ossos do ofício, que a faziam trabalhar nos feriados: “Já acostumei, em breve vou completar dez anos de TV inclusive, até gosto de trabalhar nos feriados mais que nos dias normais, aos poucos eu fui me acostumando e aprendendo a lidar com os percalços, mas no início era angustiante (risos)”.

Antes de entrar na TV atuou em um programa que era produzido por uma produtora de vídeo, um programa comercial que não fazia parte da linha jornalística, mas ao seguimento de vendas. A experiência seguinte foi em um estágio na CDRM (Companhia de Desenvolvimento de Recursos Minerais da Paraíba), Órgão do Governo do Estado e só depois que foi trabalhar na TV Borborema (Emissora de Televisão brasileira sediada em Campina Grande na Paraíba) onde trabalha até os dias atuais como repórter. Na CDRM estagiou como assessora de imprensa e compartilha como foi essa fase, profissional: “Foi uma experiência bem legal, eu era a única estagiária de comunicação lá, eu escrevia textos sobre perfuração de minerais e encaminhava a uma secretária, os textos eram verificados por um profissional e só então eram vinculados no site do Governo do Estado. A minha assessoria era tranquila, a demanda era pequena e o conteúdo que era produzido é o que chamamos de frio no jornalismo, durante essa fase eu aprendi muito sobre tudo, eu lidava diretamente com os engenheiros, falando sobre mineração e perfuração”. Quando já estava no fim do estágio na CDRM, entrou na TV Borborema e manteve-se nas duas atividades por quase um mês antes de optar pela TV em tempo integral.

Sobre as transformações do jornalismo voltamos um pouco no tempo, nos acontecimentos da TV Borborema, emissora que Sabrina trabalha, ela conta que quando a emissora pertencia ao Diários Associados (Conglomerado de Mídia do Brasil) foi vendida ao Sistema Opinião de Comunicação (Conglomerado de Mídia do Brasil), existiu uma grande preocupação em torno das redes sociais que eram quase inexistentes na emissora. A partir da venda que começaram as mudanças, os profissionais receberam treinamento, as redes sociais

ganharam desenvolvimento, foram incluídas Lives (Transmissão ao vivo via internet) o programa era exibido na programação da TV e ao mesmo tempo na plataforma do Facebook (Rede Social), quando o programa entrava no horário comercial a interação dos apresentadores era mantida na Live que não parava. E esse foi o diferencial, como conta Sabrina: “Muitas emissoras quando vão para o intervalo comercial, a interação faz uma pausa, e a gente não! A ideia era interagir com o público ao vivo, que estavam nos vendo pela Live, precisávamos dar atenção ao telespectador e fazer com que eles continuassem ali, essa foi a nossa primeira grande mudança antes da pandemia”.

Em um bate papo sobre as questões mais atuais, como as adaptações do jornalismo em meio a pandemia, ela diz: “A pandemia acelerou a humanização dos jornalistas que já vinha acontecendo. Algumas emissoras têm jornalismo de opinião, onde os profissionais vão lá para opinar mesmo. O nosso jornalismo local é informativo, então, eu chego, entro no ar com as informações e saio, ninguém estava acostumado a ver o lado emocional do jornalista na televisão na hora da notícia. Mas isso tem mudado bastante e a pandemia fez isso acelerar, até mesmo porque nós temos os profissionais trabalhando de suas casas.”

Quando a pandemia começou, Sabrina apresentava o programa Tudo de Bom ao lado do jornalista Cléber Oliveira, onde todo dia recebiam no estúdio um entrevistado e, com as restrições sanitárias, começaram as primeiras alterações, já que a circulação de pessoas pelo estúdio precisou diminuir. O público passou a ter maior interação de maneira virtual, enviando vídeos, embora houvesse uma preocupação com a qualidade do material, algo que sempre foi de grande preocupação das emissoras e inimaginável que viessem a usar imagens de celular, aconteceu e deu certo, já que o foco maior era a notícia, e as pessoas precisavam de informação em meio ao caos da pandemia. Mas isso não foi o bastante para segurar o programa no ar,

mesmo com o isolamento social, os casos de Covid-19 aumentaram e mais mudanças seguiram acontecendo na emissora, segundo Sabrina: “Ficaram no ar os programas ‘A Patrulha da Cidade’ e ‘Hora do Povo’ para evitar um grande fluxo de pessoas dentro do estúdio, os nossos programas não têm intervalos, nós temos dois apresentadores ao mesmo tempo no estúdio”.

Durante a pandemia, teve o contrato com a emissora suspenso por dois meses, quando voltou a trabalhar teve a carga horária reduzida e em home office. Nesse momento, para desempenhar as atividades de casa foi necessário que a emissora fosse até sua residência para fornecer suporte e ajudá-la a adaptar os equipamentos pessoais para o trabalho em casa, sistemas instalados ligando a casa à emissora foram o ponto chave para que o trabalho fosse realizado remotamente. Passou um período na produção do Vem com a Gente, programa de entretenimento que era gravado no Clube Campestre em Campina Grande (Casa de Show), seguindo as recomendações de segurança da Covid-19. Sabrina conta que o programa tinha um quadro com blogueiras, elas faziam vídeos e encaminhavam para produção, esse material enviado já era enviado editado, pronto para ser usado.

Conversando sobre as mudanças que vêm acontecendo no jornalismo, Sabrina considera que: “O jornalismo está se reformulando, estamos passando por novas fases. Os meios de comunicação estão se adaptando, o Jornal Nacional está migrando para redes sociais, e tem mostrado os bastidores, o que tem deixado o jornal mais humano. Até William Bonner tem tirado mais uma onda”. A linguagem dos jornais tem mudado, os profissionais precisam adaptar-se para manter a chama acesa, como Sabrina fala, e que entender essas necessidades da comunicação atual tem contribuído para o crescimento da emissora que ela trabalha: “A TV Borborema é gigantesca, chegamos cada vez mais nas pessoas através do Instagram (Rede Social), em uma linguagem diferente da tradicional, mas ainda assim, conseguimos despertar o interesse”.



Conta que na rotina faz um pouco de tudo: “Eu brinco que eu sou como ‘Bombril’\* (Empresa brasileira fabricante de produtos de higiene e limpeza doméstica), além de apresentar também editava o programa Tudo de Bom e quando acabou voltei a ser repórter de rua, a gente vai se virando nos trinta e acredito que todas as emissoras passaram por isso”.

Questiono sobre as dificuldades de manter a audiência na TV aberta e sobre a participação do público, ela responde que: “O jornalismo está mais interativo, na TV os nossos programas são transmitidos online pelas plataformas do Facebook (Rede Social) e YouTube (Site de compartilhamento de vídeos) então, as pessoas comentam em tempo real, se não houver interatividade as pessoas não voltam, conversar com o telespectador vem mudando nosso conceito”. Sabrina pontua um exemplo, sobre a participação do público em um dos programas da TV: “Na Patrulha da Cidade (Programa de TV), já fazíamos uso de conteúdos enviados pelo público, como na região do sertão do Estado não temos correspondente quando tinha algum acontecimento a população nos envia as imagens. Não podemos deixar de noticiar porque, não temos um jornalista lá e com a pandemia isso acabou sendo usado ainda mais perto devido às restrições da pandemia. Ela acabou por acelerar e aumentar esse vínculo colaborativo entre a TV e o público local”. E ainda destaca que a informação é o que realmente importa e que essas transformações que a pandemia trouxe vieram para ficar.

Mantendo uma vida privada nas redes sociais, diz que frequentemente é questionada sobre isso: “As pessoas me perguntam o porquê você não é digital influencer? Não vejo necessidade, quando eu preciso falar nas redes sociais da TV eu faço, tranquilamente, mas na minha eu fico mais reservada. É uma questão de escolha, embora não exista nenhuma restrição da própria TV quanto a isso”.

A entrevista com Sabrina foi realizada de forma remota no auge da

pandemia, e tempos depois entrei em contato com ela, a questionando sobre o pós-pandemia e o que teria ficado de lição para sua vida: “A pandemia ensinou muito para todos, a valorizar vidas, o SUS (Sistema Único de Saúde), nossa saúde e a importância da informação verdadeira”. Sobre o dia a dia dentro da TV, ela alega que algumas das adaptações feitas durante a pandemia ainda permanecem como o uso do celular e a participação do telespectador: “Eu uso o celular para fazer ao vivo, sem cinegrafista, uso o celular para produzir matéria, antes a gente vinha em uma mudança lenta em relação a isso, e a pandemia acelerou tudo isso”.

5

## **RAFAEL MELO: COMUNICAÇÃO PÚBLICA E GESTÃO DE CRISE, DESDOBRAMENTOS DE UMA PANDEMIA<sup>7</sup>**

Diante das incertezas que acompanhavam a existência da vida humana, a sensibilidade de enxergar a dor do outro foi tomada para si. Sem hesitar, no momento que teve oportunidade de fazer algo mais por outras vidas, Rafael, foi lá e o fez.

**Perfis: Jornalistas em um pandemia**

## LIDANDO COM OS NOVOS CENÁRIOS DURANTE A PANDEMIA

Jornalista, linguista, cordelista, cronista, escritor, poeta, assessor, professor, coordenador e outras coisas mais. Rafael de Araújo Melo, conhecido pelos amigos como Rafael Poeta ou Rafa, é a pessoa a qual a expressão “o céu é o limite” se aplica. Nasceu em São José da Mata, distrito que pertence a Campina Grande, no Estado da Paraíba.

Desde cedo ganhou fama pela incrível habilidade de memorização e o jeito para escrita, relembra esse momento da infância com um sorriso singelo no rosto: “Com 5 anos de idade eu já escrevia poesia, era muito incentivado a isso, eu já lia, decorava... eu decorei muita poesia, talvez pela predisposição para memorizar. Eu lembro dos meus tios me levarem para fazer curso de memorização, porque eu tinha uma memória realmente muito boa. Eu decorava poesia de 10 minutos com uns 7 anos de idade, e recitava”. Nesse tempo, mal sabia Rafael Poeta que esse seria o caminho que o levaria até o jornalismo, e que a comunicação durante uma grande crise de saúde mundial precisaria da leveza que a poesia o trouxera desde a infância.

Ainda criança, com 11 anos, foi a Brasília para participar do evento em comemoração dos 60 anos da Rede Cenecista (Escola Filantrópica) da qual era aluno, como ele relembra: “Fui até Brasília em um teatro com mais de 7 mil pessoas, um negócio muito grande pra uma criança lá de São José da Mata, eu tive esse contato muito grande com a poesia desde cedo”.

Rafael relembra que, quando ainda criança, conheceu o poeta Manoel Monteiro, com quem desenvolveu atividades na UFCG (Universidade Federal da Paraíba): “Ele já era um poeta consagrado e eu era uma criança”. Participou de vários projetos, como o Momento Junino (Programa de televisão da TV Borborema, afiliada SBT em

Campina Grande-PB), declamando poesia. Descreve a experiência como algo grandioso e que na época não tinha ideia que, quando adulto, iria trabalhar com TV.

Quando aluno da escola Cenequista tinha um grande incentivo aos trabalhos voltados às culturas populares a nível nacional, como ele descreve: "Tínhamos um fomento à comunicação, foi na escola que despertou essa vontade de trabalhar com comunicação, pela minha identificação com literatura uma professora observou em mim a possibilidade de trabalho com contação de histórias. a gente tinha um projeto de rádio comunitária e nesse sentido eu enveredei pela comunicação". Filho de professora, quando não estava na escola, acompanhava a mãe nos eventos de educação do trabalho. Quando adolescente, distanciou-se um pouco da poesia, concentrou-se apenas nos estudos regulares, descobrindo nessa fase que gostava ou não na vida, e mesmo assim sempre fez parte dos eventos já que era convidado a recitar poesias nesses momentos festivos.

Aos 16 anos formou-se no ensino médio e iniciou a jornada universitária, com uma rotina dividida entre duas graduações: Comunicação Social pela manhã, na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), e Letras à noite, na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

Quando formado em Comunicação Social, estava estagiando na TV Paraíba (Afilhada da Rede Globo em Campina Grande), atuando como produtor do Bom Dia Paraíba (Telejornal), onde logo depois foi contratado como primeiro repórter do Portal G1 Paraíba (Site de Notícias), que até então não existia: "Antes tinha o Paraíba1, a repórter era Karol Zilah, a primeira do Jornalismo Digital em Campina Grande. Ela foi embora para o Estado do Piauí e eu fiquei no lugar dela, como redator na transição de Paraíba1 para G1 Paraíba".

Entre os anos de 2011 - 2012, fez parte da Revista Paladar & Cia, que tinha uma linha editorial voltada à gastronomia, e a Revista Esportiva Quilômetros & Milhas, que teve somente quatro edições antes de sa-

ir de circulação por questões administrativas. Foi colunista do Jornal União (Versão Impressa), onde por um ano e meio escreveu semanalmente, também participou da Rádio Comunitária de São José da Mata, em um programa de notícias locais. Em 2014 criou o blog Jornalismo Poético, ganhando uma grande repercussão marcando mais de 70 mil cliques na plataforma.

Trabalhou na TV Paraíba até junho de 2019, permanecendo no cargo de assessor de imprensa na Secretaria de Saúde de Campina Grande, que ocupava desde 2014, como coordenador da equipe de comunicação. Tinha uma rotina tranquila até o início da pandemia, quando começaram as alterações na rotina de trabalho. Ainda em 2019 foi convidado a fazer parte do Portal Razões para Acreditar, como redator, esboçando um sorriso lembrando: “Comecei sugerindo pautas e isso chamou a atenção deles. O portal te deixa livre para escrever, algo que eu sempre quis. São conteúdos positivos que fogem do jornalismo cotidiano, factual, trágico e sensacionalista”.

Rafael declara que sempre foi um cara impetuoso e otimista, de meter a cara e fazer. Não ter medo das coisas e sim confiar de que no final, o melhor vai acontecer. Questionado sobre estar na linha de frente junto aos profissionais de saúde durante a pandemia, ele responde: “Nesse caso também não tive muito receio, na verdade eu queria estar envolvido naquele processo. Eu estando na Assessoria de Comunicação da Secretaria de Saúde, durante uma pandemia e me esconder disso? Não! Na verdade eu me sentia desafiado”. Com a chegada da pandemia começaram as adaptações, como ele relata: “Nossa sala foi deslocada para o Hospital Pedro I, que era referência em atendimento dos casos de Covid-19, passamos a trabalhar diariamente de dentro do Hospital, uma loucura, não tinha horário fixo podia ser pela manhã ou à tarde”.

Na rotina de trabalho precisou lidar com várias situações às quais não estava acostumado. Falando sobre momentos marcantes dessa

ffase da carreira, Rafael relata uma dessas situações, quando uma paciente vinda de outra cidade veio a óbito em decorrência do vírus, e os familiares desejavam receber os pertences que estavam no Hospital. Não sendo responsabilidade da equipe de comunicação fazer a devolução, em um gesto de bondade, Rafael ultrapassou as funções da assessoria ao buscar devolver esses pertences. Voltando mentalmente a esse momento ele narra os acontecimentos: “Entrei no hospital, vesti a roupa de proteção e fui lá buscar esses pertences, eles estavam como se fosse num saco de lixo, não ia pro lixo mas estavam lá, meio que isolados e quando eu peguei naquele saco tinha uma foto, um celular, umas chaves, os pertences daquela pessoa que havia acabado de morrer”. Em meio a todo caos do momento vivido, devolver aqueles objetos significava, para Rafael, a chance de uma despedida para a família. Buscou a família e fez a devolução, já que aquele momento não permitia um velório, só um enterro com um pessoa ou duas no máximo, a família reaver os objetivos como ele descreve era: “O último elo, o elo mortal, se é que podemos usar intertextualidade, foi o momento mais marcante”.

Durante nossa conversa, ele conta que a equipe de assessoria já vinha produzindo conteúdos para redes sociais e que estava funcionando. Com as restrições da pandemia essa produção tornou-se ainda mais importante e ganhou uma maior notoriedade, e os conteúdos que antes eram feitos pontuais e para atualizações gerais passou a ser diário e constante.

Com a disponibilidade dos recursos digitais foi possível realizar coberturas e distribuir para as emissoras. Um trabalho intenso que deixou muitas lições para todos, como ele conta: “Começamos a investir em informação na rede, a coisa da transparência da comunicação pública, criar boletins informativos, informar cada passo que ia ser dado, se o Hospital iria abrir mais leitos. Informações sobre testes de Covid, tudo isso era informado para a imprensa através das redes sociais, o que gerou uma perspectiva nova de trabalho”. Esse

modelo de divulgação favoreceu a comunicação ao espalhar as informações principalmente sobre as vacinas para Covid-19.

Em 2021 ingressou como professor substituto na Universidade Estadual da Paraíba, ministrando aulas em várias disciplinas da grade curricular da graduação de Jornalismo, contribuindo para formação de novos profissionais, onde também segue trabalhando atualmente.

Ao longo da pandemia foi positivado duas vezes pelo vírus da Covid-19, e diz sentir-se mais vivo, por mais antagônico que pareça essa expressão, depois das sequelas deixadas pelo vírus. Das lições que a pandemia deixou em sua vida declara: “Sobretudo, a noção de quanto a vida é efêmera e salta às nossas mãos. E por outro ângulo, o de quanto a comunicação está associada à vida, vez que a informação salvou vidas e a desinformação ceifou. A pandemia deixou a lição da nossa pequenez e da necessidade do cuidado com a vida, nas suas mais diversas formas simbólicas, eu vi e vivi essa realidade dentro de uma função que me possibilitou uma experiência única, da qual certamente eu não poderia me furtar como comunicador”.



**6**

## **LEONARDO ALVES: UM JOGO COM ARQUIBANCADAS VAZIAS<sup>9</sup>**

Uma das coisas mais tristes é cobrir um jogo sem torcida, quando a pandemia chegou trazendo a necessidade do isolamento e os jogos foram suspensos, não tinha o que fazer somente pedir a qual fosse sua crença que essa fase passasse e fosse possível novamente estar nos gramados cheio da energia da torcida para fazer uma cobertura eletrizante, essa angústia foi sentida na pele por Leonardo Alves, jornalista que desde cedo esteve presente nos gramados cobrindo clássicos do futebol local.

**Perfis: Jornalistas em um pandemia**

24

## UMA CORRIDA POR MÁSCARAS FACIAIS

Nascido na cidade de João Pessoa na Paraíba em de 24 de Abril 1975, Leonardo da Silva Alves, veio para a cidade de Campina Grande na Paraíba com os pais ainda no primeiro ano de vida, cresceu no bairro da Palmeira, estudou no colégio Filantrópico Santa Bernadete, já durante o ensino médio optou pela Escola Redentorista formando-se no curso técnico em eletrônica.

Com o tio trabalhando em rádio, vivenciou desde cedo a rotina dos profissionais, e não teve dúvidas que o jornalismo seria uma de suas realizações na vida. Ingressou no curso de Comunicação e Engenharia Mecânica em 1994, mas devido às demandas do jornalismo, optou por trancar o curso de engenharia e seguir somente com jornalismo, formando-se no ano de 1998.

Relembra com muita afeição como foi o início da vida universitária: “Passei um tempo cursando comunicação e engenharia mecânica, pela manhã comunicação à tarde engenharia... mas aí eu arranjei um estágio no SESC (Serviço Social do Comércio) na área de assessoria de comunicação e tranquei engenharia. Naquela época, produzíamos os releases em máquinas de datilografar e íamos de porta em porta nas emissoras entregando”.

Estudou no antigo prédio no São José no Centro de Campina Grande, primeiro bloco destinado à graduação de jornalismo da UEPB (Universidade Estadual da Paraíba), lugar ao qual Leonardo voltou em 2044, após a formatura, para atuar como professor e contribuir na formação de novos profissionais, o que segue fazendo até hoje.

Professor Léo, como carinhosamente os alunos os chamam, contou com muita empolgação em sua voz de locutor sobre sua grande inspiração dentro do jornalismo: “Quando eu era criança meu tio trabalhava em uma emissora de rádio... e ele me levava para acompanhar o programa de perto, ele sempre foi minha inspiração, eu ia com ele aos jogos e sentava na grama olhando tudo que acontecia”.

No início da carreira desempenhou várias funções como: repórter, plantonista, setorista do Campinense Futebol Clube, produtor, editor, chefe de redação, e até mesmo trabalhou como bancário quando em no ano 2001 foi aprovado no concurso e decidiu assumir a vaga, ficando por alguns anos mas, logo decidiu voltar a dedicar-se ao jornalismo.

Quando falamos sobre a convergência das redações, Leo acredita que existem pontos positivos e negativos, que afetam diretamente a qualidade do produto e que acaba exigindo dos profissionais funções multitarefas, para que consigam dar conta de entregar um produto final de qualidade e dentro do prazo.

Atualmente dedica-se a vida acadêmica como professor, realiza trabalhos pontuais para rádio CBN Campina (Emissora de rádio local) e atua como Assessor de Imprensa em um dos departamentos da UEPB o NUTES (Núcleo de Tecnologias Estratégicas em Saúde). Lá são desenvolvidos diversos equipamentos com alta tecnologia para melhorar a qualidade de vida. E foi nesses laboratórios que foram produzidos EPIS (Equipamentos de Segurança Individual - Face Shields) durante o período da pandemia da Covid-19, que foram de suma importância para o tratamento da doença.

Na pandemia retornou às salas de aula de modo virtual e contou como isso foi desafiador. Precisou se adaptar a trabalhar em casa, melhorando a conexão de internet e preparando um ambiente para dar aulas. Entrou em pane quando foi designado às aulas de laboratório por se tratar de uma disciplina prática, ministrada nos laboratórios da universidade: “Como eu vou fazer os meninos, praticarem dentro dessa realidade? De início pensei em gravar com eles pelo Meet, mas aí surgiu uma proposta com a Campina FM (Emissora de rádio local) que era melhor, motivadora e interessante. Ao invés de estarmos gravando ali, só a gente... isso foi o que nos salvou.” A parceria foi tão importante, que mesmo após a pandemia os alunos a cada período produzem o conteúdo para a disciplina, e tem a chance de serem exibidos na emissora de rádio. Esse vínculo entre a emissora e a universidade, contribui para formação dos alunos, de mo-

do que eles produzem as pautas sobre assuntos locais no laboratório da universidade e ainda ganham espaço para divulgação na emissora.

Durante todos os anos de profissão nunca abandonou o rádio e o esporte, que desde cedo é uma de suas paixões. Teve uma nova experiência, quando a cobertura dos jogos foram suspensas ainda início da pandemia, e também quando as atividades aos poucos foram voltando, de início sem torcida, depois com a torcida de máscara. Ele recorda como foi essa fase: "Você está em campo, sem torcida, sem animação, ouvindo o jogador gritar é uma sensação muito diferente, quando os jogos retornaram muitas vezes eram suspensos, por que um jogador tinha testado positivo... quando via já tinha uns dez jogadores positivados. Sempre estávamos sendo testados, 24 horas antes dos jogos."

Quando os jogos retornaram ainda com algumas restrições, às assessorias de comunicação dos clubes se transformaram em agências de notícias, já que eram a fonte de troca de informações sobre o que acontecia dentro e fora de campo com os jogadores. Então as assessorias preparavam o material e enviavam as emissoras, destaca que como consequência da pandemia na sua rotina de trabalho, foi possível enxergar coisas que poderiam ser feitas a distância, e que hoje sua rotina se tornou híbrida, o que acaba melhorando sua qualidade de vida e otimizando seu tempo de trabalho.

Chegou para trabalhar no NUTES em 2012, no setor de compras e licitações, e aos poucos enxergou a necessidade de criar uma linha de comunicação no departamento. Inicialmente para prestar contas do que estava sendo realizado, o que acabou culminando em sua migração para a assessoria do núcleo. Durante a pandemia o NUTES chegou a distribuir cerca de 70 mil protetores faciais<sup>10</sup>, para todas as regiões do Estado em parceria com a Duraplast, para que fosse possível atender a demanda que cresceu rapidamente após as primeiras impressões serem distribuídas. A procura foi tão grande que chegaram a ser enviadas para o Estado de Pernambuco e Rio Grande do Norte.

Durante nosso encontro para a entrevista tive a oportunidade de conhecer os laboratórios onde tudo começou, e até mesmo ver na prática como funciona um desses equipamentos a exemplo, de um desfibrilador que é montado pelos técnicos do laboratório e as impressões 3D de alta qualidade usadas para auxiliar durante procedimentos cirúrgicos. Enquanto conhecia as salas, Léo contava como foi difícil realizar esses trabalhos durante a pandemia e como a assessoria foi de extrema importância: “Foi a época que nós mais trabalhamos, na pandemia teve os protetores faciais entraram em falta no mercado, e aqui no laboratório foi desenvolvido nas impressoras 3D para começar a ceder às pessoas. E isso logo, ganhou uma demanda muito grande, chegou a desenvolver ventilador pulmonar e isso precisava de notoriedade, era o tempo todo fazendo material de divulgação.”

Orgulhosamente compartilha que já há novos projetos em desenvolvimento na assessoria, que irão ampliar ainda mais a comunicação e divulgação das atividades realizadas dentro do NUTES. E ressalta que na atualidade o trabalho de assessor requer habilidades para produzir diversos conteúdos: “A época de fazer releases já passou, precisamos entender e fazer de tudo”.

Quando falamos sobre os recursos digitais usados durante a pandemia, destaca que é indispensável uma memória em nuvem e como isso possibilita trabalhar de qualquer lugar e acessar arquivos armazenados, tendo a tecnologia como sua aliada. Durante o isolamento, fez cursos on-line e buscou cuidar mais da saúde. Os momentos em família foram de grande importância para passar o tempo, e a pandemia trouxe a necessidade de disciplina: “E passei a valorizar algumas coisas que antes eu não fazia, uma caminhada pela manhã... tirar um tempo só pra mim...”

Sobre o futuro do jornalismo, acredita na diminuição dos postos. Enxerga mais transformações pela frente com uma convergência mais complexa que já foi iniciada. Faz apostas sobre o crescimento do jor-

nalismo móvel com a adaptação de equipamentos, onde o repórter poderá fazer tudo só pelo celular, algo que já podemos encontrar hoje em algumas emissoras. Questionado sobre ser um profissional multiplataforma diz: “Embora eu transite nesses veículos... eu não me considero ainda. Hoje eu teria dificuldade em sair e me filmar. Eu vou me adaptar e entregar o material. Hoje já entrego material para TV, rádio e internet então estou no caminho”.

Quando questionado sobre o que aprendeu com a pandemia, ele responde que: “Devemos aproveitar cada momento, reservar um tempo para si e para a família. Vivemos em uma constante correria para dar conta de tudo, e quando vem algo como a pandemia somos obrigados a parar de correr tanto”.

7

## MARINA MAGALHÃES: NOTÍCIAS POR CORRESPONDÊNCIA<sup>11</sup>

“Eu vi o primeiro caso de Covid-19 na Itália ser noticiado na TV, vi o anúncio da Organização Mundial de Saúde decretando pandemia. Naquele momento só o que passava na cabeça era uma vontade louca de voltar para casa, de estar perto da minha família e de estar no meu país”.

**Perfis: Jornalistas em um pandemia**

30

## EMOÇÕES A UM OCEANO DE CASA

Dona de um sorriso carismático, contagiante e espírito aventureiro. Saiu para conhecer o mundo e criar lembranças, essa é a jornalista Marina Magalhães de Moraes. Natural de João Pessoa, na Paraíba, foi lá onde formou-se em Comunicação Social, na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), mas nem toda a beleza da cidade litorânea foi suficiente para segurá-la por muito tempo, logo como um passarinho que abre as asas e ganha voo, Marina fez suas malas e foi conhecer o mundo.

Quando estudante de comunicação começou a trabalhar, estagiando em diferentes funções dentro do jornalismo, como assessoria de comunicação (agência de publicidade Antares Comunicação), produção de TV (TV Tambaú, afiliada do SBT na cidade de João Pessoa), ouvidoria em serviço de rádio escuta (Assessoria de Comunicação da Cagepa) e também atuou com atendimento comercial na Agência de Publicidade Ultra, atividades que contribuíram para a construção de um amplo portfólio.

Entre os anos de 2008 e 2009, logo após a formatura, ingressou na equipe de reportagem do Jornal da Paraíba (Antigo jornal matutino de circulação diária e atualmente um portal de notícias no Estado da Paraíba), bem no momento de transição entre o jornal impresso e o digital. Ela conta como foi essa fase da carreira: “Lá eu vivenciei os meus primeiros anos como repórter, passando por diferentes editorias (cidades, cultura, economia, reportagens especiais, etc.)”. Ainda na Rede Paraíba de Comunicação, colaborou de forma esporádica, na cobertura de plantões, férias de repórteres e editores do Portal Paraíba 1, atual G1 Paraíba (Portal de notícias). Também atuou como jornalista freelancer na área de assessoria de comunicação em diferentes empresas e instituições como: Sindicato dos Bancários da Paraíba, e Caiçara Shopping, além de coordenar, como servidora do Governo do Estado, a Assessoria de Comunicação da Procuradoria Geral do Estado da Paraíba e da Casa Civil do Estado da Paraíba.



Marina conta que em 2009 iniciou uma Especialização em Redação Jornalística, e em 2010 ano seguinte ingressou no Mestrado em Comunicação e Culturas Midiáticas na Universidade Federal da Paraíba, com uma bolsa do CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), segundo ela: “Tais iniciativas que foram responsáveis pela guinada na minha trajetória profissional, da redação para academia, apesar de ainda ter mantido algumas atividades jornalísticas pontuais como freelancer”.

Mais uma grande mudança na vida dela ocorreu em 2011, quando deixou o Brasil para experimentar uma nova cultura: “Eu me mudei para a Irlanda, onde por seis meses estudei inglês e trabalhei como babysitter. Em seguida me mudei para Portugal, a fim de começar o Doutorado em Ciências da Comunicação, com especialidade em Cultura Contemporânea e Novas Tecnologias, na Universidade Nova de Lisboa”. País onde viveu por cerca de sete anos, lá desenvolveu o Doutorado com uma bolsa da Fundação para a Ciência e a Tecnologia de Portugal, e vivenciou as mais diversas experiências profissionais: “Colaborei como repórter para a Revista Internacional Brazil com Z (Revista dedicada ao brasileiro que vive na Europa), editada na Espanha, e para o site de Notícias ao Minuto, após o fim da bolsa de Doutorado”. Ainda chegou a ser contratada como analista de redes na empresa Accenture, atuando como gestora de conteúdo para uma grande plataforma digital (por questões do acordo de confidencialidade, não pode revelar o nome da empresa).

Foi em Portugal que teve a primeira experiência como professora universitária, quando ministrou aulas no Mestrado em Comunicação, Redes e Tecnologias na Universidade Nova de Lisboa (de 2016 a 2019). Depois disso, resolveu voltar a morar no Brasil e investir na carreira acadêmica, tendo atuado como professora nas seguintes instituições: Uninassau João Pessoa, Universidade Federal de Campina Grande, Universidade Estadual da Paraíba e Universidade Federal do Amazonas, onde desde 2021 atua como Professora Adjunta do curso de Comunicação Social/Jornalismo.

No início de 2020 Marina estava na Itália em uma viagem de férias, quando os primeiros casos de Covid-19 foram confirmados no Ocidente, em específico na Itália, país considerado o epicentro da pandemia na Europa: “O meu marido é chefe de cozinha e em alguns períodos ao longo do ano ele trabalha no exterior. Naquele período ele estava na Itália, eu estava indo visitá-lo e nunca passou pela minha cabeça que eu enfrentaria uma pandemia”.

Marina relembra como tudo aconteceu: “Eu estava em uma cidade chamada Alassio, a poucas horas de Milão. Quando diversos jornalistas entraram em contato pedindo imagens e depoimentos das medidas de isolamento adotadas, das ruas vazias, do controle sanitário etc. No começo, resisti, assustada, mas o faro jornalístico foi mais forte e logo que comecei a produzir os conteúdos eles foram usados amplamente reproduzidos na mídia local (TV Cabo Branco, G1, entre outros) e na mídia nacional (no Programa Bom Dia Brasil)”.

Apesar da dificuldade de estar no país epicentro ocidental da pandemia, Marina conta que pôde acompanhar o início da cobertura da imprensa na Itália: “Eu tive acesso em primeira mão às novidades relacionadas aos casos, quando ainda pouco se sabia sobre o tema no Brasil”. Ao retornar ao Brasil e cumprir o isolamento social, pôde continuar trabalhando, de forma remota, ministrando aulas por meio de videoconferências na UFCG, até finalizar o contrato. Logo, começou a ministrar aulas remotas para UEPB: “Nem cheguei a conhecer os alunos presencialmente. Após ser aprovada no concurso na UFAM, encerrei o contrato de professor substituto com a UEPB e comecei a ministrar aulas remotamente na UFAM (estava morando na cidade de João Pessoa e a UFAM fica na cidade de Parintins, no Amazonas). Cerca de quatro meses depois, em janeiro de 2022, me mudei para o Amazonas e voltei a dar aulas presenciais”.

Foi convidada a relatar as experiências em livro: “Também relatei a minha experiência no capítulo ‘O estigma do paciente zero’, do livro ‘Isolamento Social – Relatos de Mulheres Jornalistas<sup>12</sup>’, organizado por quatro professoras e jornalistas - Kíara Fialho, Sandra Moura,

Sônia Lima e Zezé Béchade - que relata experiências vivenciadas por mulheres jornalistas durante os primeiros meses da pandemia de Covid-19. Lá eu compartilho a tensão de ser apontada, após o retorno da Itália, como paciente zero de Covid-19 na Paraíba, o que acabou não se confirmando". Marina fez colaborações durante alguns meses na pandemia, de forma remota, com a coluna Por Pauta Abaixo, no site Termômetro da Política<sup>13</sup>, onde publicou alguns textos sobre as experiências da pandemia, entre outros assuntos que atravessaram o cotidiano.

Após o período de isolamento, quando voltou ao Brasil, continuou morando na cidade de João Pessoa, um momento de novas adaptações, como ela conta: "O contato com o público no período de isolamento social foi bastante limitado, já que como eu podia trabalhar em casa, só saía para comprar comida ou medicamentos. Às vezes escapava sozinha para caminhar na praia e tomar um banho de mar, em busca de manter alguma saúde mental".

Discutindo sobre o uso de internet durante a pandemia, Marina relata que: "A relação com a internet foi total. Por meio da web e das redes sociais digitais pude trabalhar, estudar, me informar, ter algum lazer (por meio das lives, filmes, séries), pude matar as saudades dos meus afetos, conversar com parentes e amigos, de perto e de longe, em segurança".

Segundo Marina, o campo jornalístico sempre foi atravessado por grandes transformações. Hoje elas se dão em intervalos cada vez mais curtos, demandando saltos desafiadores para os profissionais que nele atuam, e pontua: "A perspectiva que vejo para o futuro do jornalismo é a integração cada vez maior das tecnologias digitais e das inteligências artificiais nas rotinas produtivas, uma valorização cada vez mais ampla do jornalismo de dados, produzido com um grande volume de informações e com o auxílio de programas de processamento e em colaboração com profissionais de outras áreas - engenheiros de softwares, designers, estatísticos, cientistas de informação, etc". Na concepção dela, o jornalista deve se atualizar

diante das demandas e possibilidades do seu tempo, buscando qualificação profissional e abrindo a mentalidade para pensar o mundo em rede (formada por diversos atores) e com as redes (de tecnologias digitais). Esse é um desafio e tanto, também, para quem ensina Jornalismo.

Hoje, como professora de Jornalismo na Universidade Federal do Amazonas, tenta preparar os alunos para os desafios do jornalismo multiplataforma, sobretudo no atual contexto de desinformação e pós-verdade, e para as possibilidades de empreendedorismo que também se abrem a partir das plataformas digitais. Sucinta em suas respostas quando conversamos sobre a pandemia, Marina compartilha as lições que aprendeu nesse período: “Lições dolorosas, de perdas, de lutos. Uma consciência sobre as desigualdades sociais do nosso mundo, sobretudo do Brasil, e de regiões como a Amazônia, onde agora vivo e compartilho das consequências devastadoras nas famílias que passaram a pandemia por aqui, sobretudo por causa da crise do oxigênio e do descaso dos poderes públicos. Também fica a lição da importância da valorização da ciência, do bom jornalismo, dos profissionais de saúde, professores, comerciantes, entregadores, dos setores e profissionais que não pararam por serem considerados essenciais para o funcionamento da sociedade. Por fim, destaco também a lição da esperança, da solidariedade, da transformação”. Atualmente, morando em Parintins no Amazonas, Marina encontra tempo entre suas atividades para conversarmos. Mesmo que por mensagem, é possível colher detalhes sobre sua experiência como jornalista e pessoa na pandemia.

**8**

**NELSINA VITORINO: MULHER, MÃE,  
ESPOSA, JORNALISTA E REFERÊNCIA NO  
FOTOJORNALISMO PARAIBANO<sup>14</sup>**

“Não existe cura para a doença que carrego, ainda estou na batalha e falo para todos que as pautas me fazem sentir viva. Muito da minha melhora em relação ao tratamento, o meu bálsamo é o fotojornalismo. Estar atualmente dentro do fotojornalismo me cura, cada reflexão que eu provoço quando publico uma foto é muito válida”.

**Perfis: Jornalistas em um pandemia**

36

## **A HISTÓRIA PRECISA SER CONTADA, NÃO PODE SER ESQUECIDA!**

No ano de 1982 nascia Nelsina Vitorino, com seus 41 anos de idade expressa com orgulho o amor pela profissão e o fato de ser uma das pioneiras do fotojornalismo na Paraíba. Formou-se em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e no curso de Arte e Mídia, pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), ela descreve esse período da seguinte maneira: “Foi uma loucura, eu concluí as graduações com um ano de diferença, praticamente juntas”. Começou a carreira profissional na área de assessoria de imprensa, em uma instituição de Ensino Superior particular da cidade, dois meses após o nascimento da filha primogênita, tendo que lidar com o início da vida profissional e a recente maternidade. Ao falar sobre esse momento, esboça um sorriso nostálgico: “Eu via o nascimento das duas, minha filha e a instituição”. Ficou trabalhando por dez anos no cargo de assessoria até optar por novos rumos na profissão.

Dos cinco veículos de comunicação na Paraíba, trabalhou em três. Começando a atuar no fotojornalismo em 2010 no Diário da Borborema (Jornal dos Diários Associados que circulava na cidade de Campina Grande), onde ficou por dois anos até o fechamento do jornal em 2012, como ela relembra: “Me orgulha muito ter feito parte desse jornal, sou uma das pioneiras no fotojornalismo, a primeira foi Katharine Nóbrega e em seguida veio eu”. Período esse que ela considera como uma grande sala de aula, com ela acrescenta: “Existia um depósito para as fotos que eram feitas, depois que era feita a escolha de quais iriam ser ilustradas no jornal tínhamos um feedback do material. Para mim o Diário dos Associados era uma referência de liberdade no fotojornalismo e principalmente no pioneirismo com as mulheres na área”.

Levando uma vida ativa e ligada no 220V (Expressão usada para pessoas agitadas), como ela fala, teve um grande choque quando no ano de 2019 foi diagnosticada com um Tumor Desmoide (Tumor benigno, que invade órgãos ou tecidos) no pescoço. Ela conta como percebeu que tinha algo estranho na anatomia do corpo quando no fim do expediente de trabalho, ao se espreguiçar na cadeira, sentiu algo no pescoço, o que foi suficiente para alertar seus instintos e procurar um médico. Após a confirmação do tumor, foi operada, realizou o tratamento e voltou à rotina de trabalho, mas pouco tempo depois surgiram complicações da cirurgia, justo quando a pandemia teve início. Ela ainda detalha que: “No dia 28 de fevereiro de 2020, eu fiz uma segunda cirurgia e enquanto estava aguardando para ser liberada do hospital o clima já estava tenso pela pandemia”. No ápice da pandemia, esteve com as energias concentradas no processo de recuperação da saúde.

Após a saída da assessora institucional havia começado a trabalhar em uma agência e foi para onde voltou a trabalhar quando recuperada da segunda cirurgia. Mas com a redução de clientes na agência acabou sendo desligada da empresa. Ao falar sobre isso, ela revela: “A pandemia me tirou do mercado de trabalho, com vínculos em instituições privadas, mas me trouxe novamente para o fotojornalismo. Fui convidada a fazer parte da equipe de Assessoria de Comunicação da Secretaria de Saúde de Campina Grande, onde já trabalho com o fotojornalismo há dois anos”.

Contente, ela relembra como foi o convite: “Recebi uma ligação perguntando: ‘Nelsina você está bem? Tem condição de ir a campo?’ E eu respondi que sim, mas a verdade é que eu estava toda quebrada, cheia de limitações e remédios.” Aos poucos foi recebendo pautas, acompanhando a equipe na rotina de trabalho e enfrentado de frente a pandemia. Qualquer que fosse a cobertura, Nelsina estava lá.

Descreve seus sentimentos pelo fotojornalismo como avassaladores e tudo o que o envolve, enxerga as oportunidades e não pensa duas vezes antes de segui-las, por vezes até esquecendo da condição de imunossuprimida (Imunidade baixa), condição especial desde o diag-

nóstico. Com um jeito leve de viver, declara um lema importante para ela: “Pauta dada é pauta cumprida, já dizia meu primeiro chefe do fotojornalismo Bastos Farias”.

Uma jovem que não tinha câmera, mas cheia do desejo de explorar o mundo, se encontrando dentro do fotojornalismo, contando histórias através de registros fotográficos. Nelsina, atua no jornalismo há 15 anos e no fotojornalismo há 13 anos, fazendo parte, como ela mesmo descreve, da terceira geração do fotojornalismo: “A primeira geração eram os fotógrafos que faziam o material no formato analógico, com todo aquele processo de revelar a foto. A segunda geração é a transição do analógico para o digital, e uma terceira vem depois de 2010, que já entra no contexto do imediatismo”. Enxerga o fotojornalismo como uma missão, onde informar o que está acontecendo por imagem é uma grande responsabilidade”. Acrescenta que sempre foi encantada pelo jornalismo, pelo ato de contar histórias e ser a porta voz da informação, e que: “A fotografia também já me encantava, mas foi a possibilidade de lidar com a informação através da arte que eu encontrei em Arte e Mídia que me fez mergulhar de vez dentro do fotojornalismo”.

Revela que as pautas policiais renderam muitas histórias para a vida profissional, quando atuava no impresso, como na vez que foi atacada durante a cobertura de uma pauta: “Eu já cheguei a apanhar, há alguns anos, quando tivemos um embate entre os motoristas de transporte público e dos coletivos alternativos. Junto com a equipe seguimos para cumprir essa pauta. Havia algumas paradas no centro da cidade, que era o ponto de embarque e desembarque de passageiros e enquanto o repórter sondava as pessoas, eu fiquei fazendo as fotos e então, uma mulher começou a me atacar puxando meu cabelo, me batendo, tentando pegar a câmera da minha mão. Comecei a receber outras ameaças de um homem que estava presente, e foi a maior confusão na hora”. Em cada registro fotográfico busca sair do clichê, compartilhando a própria visão do mundo jornalístico.



Durante a pandemia, o alcance das mídias sociais da Secretaria de Saúde de Campina Grande cresceu exponencialmente, sendo usado como modelo para outras cidades. A equipe de comunicação ficou à frente durante toda a batalha contra a Covid-19, e Nelsina desenvolveu, dentro das próprias limitações, como ela mesmo descreve, o trabalho com maestria, entregando-se de corpo e alma ao jornalismo no momento de registrar o que era colocado em pauta. Os registros fotográficos dela estão eternizados na Internet, a terra de ninguém e de todos ao mesmo tempo. Ao questioná-la sobre as lições que a pandemia deixou na sua vida, ela responde: “Somos iguais, as circunstâncias são diferenciadas, mas a pandemia, a doença, o medo, o vírus trouxe isso que devemos nos colocar no lugar do outro e sempre tentar passar a melhor mensagem”.

Conversamos virtualmente, pois, mesmo com a 5º dose da vacina contra a doença, Nelsina, junto com a família, testaram novamente positivo para Covid-19 em 2023. Mesmo doente, durante todo tempo de conversa, não deixou de lado o bom humor, jovialidade e alegria em compartilhar as histórias de vida e o amor que carrega pela profissão.

Nelsina usa suas redes sociais<sup>15</sup> para divulgar o atual trabalho fotojornalístico, e cada publicação é sempre associada a uma reflexão. Faz questão de deixar claro que a “pegada” dela é essa, registrar o cotidiano que não pode ser maquiado, captura com sensibilidade o momento que está acontecendo diante dos olhos. E dá como exemplo: “O universo que eu mais fotografo hoje é o da vacina e tenho pavor quando estou fotografando uma criança que a mãe pede para olhar para mim, não chore, não coloca a mão no rosto. Eu tenho que capturar a verdade, eu encontro beleza em registrar o choro da criança, fazendo careta, emburrada ou ela confortável com a situação. O fotojornalismo é verdade”. E a pandemia deixou essa lição ainda mais forte, a de registrar a verdade, contar histórias reais, protagonizar os que por muitas vezes não recebiam os olhares, como os profissionais de saúde, na luta diária contra essa e outras doenças.

## **DENISE DELMIRO: ÂNCORA NO PRIMEIRO HOME STUDIO DA PARAÍBA<sup>16</sup>**

“Primeiro Home Studio da Paraíba, não existiu outro. Foi aqui em casa, na minha sala. Eu acordava pela manhã, ligava meu computador, ia escovar os dentes e pegar a roupa. Às vezes o técnico que prestava suporte vinha ajudar com a iluminação, eram duas câmeras, equipamento de som, tudo que você puder imaginar. A sala era um emaranhado de fios, enquanto eu estava grávida e apresentando o Bom Dia Paraíba, foi uma experiência única que ficou marcada na minha vida”.

# UM ITINERÁRIO PARAIBANO: DO AGRESTE AO LITORAL

Com uma rotina corrida que começa na madrugada, conseguimos nos encontrar virtualmente perto do horário do almoço. Nascida em Taquaritinga do Norte, no estado de Pernambuco, uma terra de jornalistas como ela descreve, Denise Delmiro, ou como assinava nos primeiros anos de profissão, Denise Helena, dona de uma mente inquieta e engenhosa, junto com os colegas Silvia Jerlândia, Ana Paula Araújo e Roger Casé que também cursavam comunicação, criaram o Jornal Atitude, lembra ela: “Foi o primeiro jornal impresso de Taquaritinga do Norte, saía uma vez ao mês, mas com um monte de história da cidade, nós marcamos época, foi maravilhoso. Quando a prefeitura viu o que estávamos fazendo no jornal, eles se inspiraram e criaram o Diário Oficial de Taquaritinga, com notícias da cidade”.

Relembra com brilho nos olhos momentos da sua vida: “Adorava estar no microfone, na frente das pessoas, sempre gostei de me comunicar. E hoje estou me realizando na comunicação, podendo fazer isso todos os dias no café da manhã dos paraibanos”. Desde cedo esteve engajada com a comunicação, envolvida como voluntária na Rádio Comunitária da Igreja, apresentando desfiles de moda e formaturas, e ainda nos primeiros anos de graduação atuou como assessora de imprensa na prefeitura, pois considerava indispensável a prática da profissão mesmo que no início da carreira.

O jornalismo sempre esteve à frente de qualquer outra carreira profissional que viesse a cogitar, como ela destaca: “Sempre foi o que eu sonhei. Dentro da minha família eu tinha influência, o marido da minha tia Humberto Santana foi por muitos anos cinegrafista da TV Tribuna (Afiliada a Rede Bandeirantes) na cidade de Recife, e outra grande inspiração era a jornalista Meiry Lanunce. Eu vim para Campina Grande seguindo os passos dela”.

Após dois anos de idas e vindas todos os dias para as aulas, aos 19 anos de idade optou por firmar residência na cidade de Campina Grande, facilitando a rotina e a busca por oportunidades de emprego.

Começou trabalhando na coluna social do Jornal da Paraíba (Antigo jornal matutino de circulação diária e atualmente um portal de notícias no Estado da Paraíba), logo depois realizou uma seleção de estágio na TV Paraíba (Afilhada a Rede Globo), onde ficou por um ano e três meses como estagiária: “Fui contratada no dia 1 de abril de 2009 como repórter, acho que uns dois anos depois eu já comecei a substituir em algumas ocasiões a apresentadora do JPB 1 (Telejornal), que era Luciellen Lima”. Aos poucos Denise foi trilhando um caminho e ganhando o carinho do povo campinense. Por seis ou quatro anos trabalhou como âncora principal no JPB 1 até ir morar na cidade de João Pessoa e assumir como apresentadora do Bom Dia Paraíba (Telejornal).

Usando a palavra “maravilhoso” para descrever os anos de graduação, ela diz: “Eu sempre soube o que queria. Na época as aulas eram no prédio que ficava no São José, tinha seus problemas de infraestrutura mas, os professores eram maravilhosos, dedicados, atenciosos e preocupados com quem queria realmente aprender”. Ainda conta que aproveitou ao máximo as experiências para aprender com os professores e situações que passou. A exemplo, quando a câmera que era usada nas aulas de Telejornalismo quebrou e como solução pediu emprestada a câmera VHS do tio dela, que era usada para gravar casamentos, para que a turma gravasse os *stand-ups* programados. Sentindo a necessidade de aprender cada vez mais, três anos após a formatura em 2014, decidiu entrar no programa de Mestrado da UEPB em Desenvolvimento Regional, conseguindo o título de Mestra, em 2016, com a dissertação: Tensões Midiáticas (ou conflitos de mediação) entre a Comunidade e a Gestão Pública - A agenda do calendário JPB.

Há seis anos ganhou o título de cidadã campinense e há dois cidadã paraibana, ela conta que o avô era paraibano e viajou até o Estado de Pernambuco para conhecer a avó e acabou ficando e formando família. Em tom de graça, brinca ao dizer que fez a viagem de volta do

avô: “Eu vim para a Paraíba e conheci meu marido”. Desde que saiu de sua cidade natal, conta que já viajou por toda a Paraíba graças ao jornalismo, e como repórter foi a primeira da TV Paraíba a cobrir uma explosão em uma agência bancária em Barra de Santana, município da Paraíba.

Por 11 anos Denise morou em Campina Grande onde consolidou seu nome dentro do jornalismo, como âncora do JPB1, até decidir encarar novos desafios e mudar novamente de cidade, desta vez para a grande João Pessoa, como ela conta: “Como profissional eu tinha que conquistar o público, as pessoas tinham que me conhecer. O começo não é fácil, é uma outra cidade, outros focos, as pessoas gostam de coisas diferentes. Eu tive que me adaptar, por exemplo, eu precisei aprender sobre a Tábua de Marés, sobre os bairros e os interesses de cada local, precisei estudar e me dedicar a essas mudanças”.

Quando os casos de Covid-19 aumentaram no Brasil em março de 2020, Denise já estava como apresentadora do Bom Dia Paraíba, onde a rotina de trabalho precisou ser ajustada devido às restrições de saúde recomendadas pela OMS (Organização Mundial de Saúde). Respeitando as orientações, o número de funcionários dentro da emissora foi reduzido, mantendo somente um grupo essencial e enviando para home office o restante. Como apresentadora ela manteve-se em modo presencial por cerca de seis meses até que descobriu que estava grávida.

Com determinação em meio às dificuldades para colocar um jornal de duas horas no ar, várias adaptações foram pensadas e realizadas pela equipe seguindo as orientações da Rede Globo (rede de televisão aberta brasileira), como o uso de dois microfones um para o repórter e outro para o entrevistado, máscaras, álcool em gel, o distanciamento, entre outras. Durante esse período, todos da emissora precisaram abrir mão de um padrão globo de qualidade, já que as dificuldades de produção considerando a saúde eram mais importantes, como ela detalha: “Sempre tivemos uma prioridade quanto à imagem e áudio do que era divulgado pela TV. A Rede Globo teve que abrir mão disso e as

afiliadas também, a prioridade maior era outra naquele momento, precisávamos da informação”.

Ficou conhecida pelos colegas como: “A pessoa que conseguiu as entrevistas”. Ela explica, que uma das vantagens do seu reconhecimento como profissional a colocou com ainda mais credibilidade nas Redes Sociais, já que a sua conta na plataforma do Instagram é verificada o que veio a facilitar na hora de entrar em contato com especialistas e figuras renomadas para realizar uma entrevista: “Eu coloquei na cabeça que precisava de boas entrevistas então, eu fui em busca de pessoas que eu achava que o público precisava ouvir. Eu consegui entrevistas com Rosana Richtmann infectologista, Margareth Dalcolmo pesquisadora da Fiocruz (Fundação Oswaldo Cruz), Leandro Karnal (Historiador) e outros que tinham propriedade para falar alguma coisa sobre o que estávamos passando naquele momento”.

Casada com o jornalista esportivo Mário Luiz Aguiar, parceiros no jornalismo e na vida, como ela diz, juntos passaram pela pandemia e viram a família crescer com a chegada da primeira filha, Maria Luiza. Durante a gestação apresentou o Bom Dia Paraíba da sala de casa, como parte do grupo de risco a emissora propôs adequações, para dar continuidade ao trabalho na pandemia. Foi justo nesse momento que o home studio foi planejado e montado na sala de sua casa<sup>17</sup>, fios e equipamentos passaram meses como parte da decoração, permitindo apresentar o telejornal fora da emissora. Dividiu transformações internas e externas com o público que parava para assistir o telejornal, a questiono como foi lidar emocionalmente com essas mudanças, e ela responde que ser mãe era um sonho e que entrar nessa durante uma pandemia foi algo assustador, mas a experiência só a deixou mais forte, entregando mais confiança na hora de exercer o jornalismo.

Denise revela que mesmo após a reunião de pauta e “bater o ponto”, ainda se mantém em atividade, em atualização constante do que acontece para segurar as duas horas de Bom dia Paraíba. Ela descreve um pouco dessa rotina: “Saímos de uma pandemia, onde es-

távamos em um modelo híbrido, então eu estou nos grupos de edição, produção e afins. Discutimos durante o dia as pautas do Bom Dia Paraíba, temos temas diferentes em João Pessoa e Campina Grande, eu preciso ter noção do que vai ao ar para interagir com o repórter e caso ocorram imprevistos conseguir segurar o assunto no ao vivo”.

Antes da pandemia o jornalismo era um, pós-pandemia é outro, temos um novo modo de fazer jornalismo. Denise enxerga que: “O jornalismo ficou mais versátil e acelerado”. Considera que um ponto positivo deixado pela emergência da pandemia foi o crescimento da colaboração do público no momento de produzir conteúdo, deixando o Jornal ainda mais plural, em suas palavras.

Denise conta que como uma fênix renasceu após o nascimento da filha o que coincidiu com o período de pandemia: “Apareceu dentro e mim um poder magnífico. Estou mais segura, firme e ficou mais claro o que queria para minha vida. Através do jornalismo fazer o melhor na vida das pessoas, ter isso como uma missão é satisfatório, me deixa mais feliz estar onde estou”.

Sentada no chão do quarto enquanto conversamos, e refletimos sobre o que foi a pandemia e suas consequências, Denise compartilha que das lições que esse período deixou para ela, a maior foi: “Hoje em dia dou muito mais valor à vida, felicidade e estar com quem eu amo. A vida é um ciclo e estamos aqui para dar o melhor de nós”. Está intrínseco no desenrolar da comunicação e nos jornalistas, a necessidade de adaptar-se a situações adversas em busca do compromisso com a informação.

**10**

**CARLOS SIQUEIRA:  
O CHEFE DA CASA<sup>18</sup>**

“A pandemia foi desafiadora, eu trabalhei todos os dias [...]. Como chefe da redação eu tinha desafios, a exemplo: Como mandar uma equipe ao Hospital Pedro I, onde estava a maior incidência da doença, para uma cobertura que era necessária?”.

**Perfis: Jornalistas em um pandemia**

47



## UM ENCONTRO NA HORA DO JANTAR

Estar no mesmo ambiente que ele e ouvi-lo falar sobre sua carreira no jornalismo, é para muitos um momento ímpar. É ter a oportunidade de aprender com a voz da experiência, alguém que a 35 anos dedica seus dias ao jornalismo e o compromisso com a verdade, tem autoridade para falar sobre o assunto. É o momento que literalmente você arranja uma caneta e um bloquinho, ou simplesmente, abre o bloco de notas do celular para registrar e não esquecer nada, é aquela velha história do pupilo em frente ao mestre.

Comunicador nato, uma vida entrelaçada à comunicação. Como filho de radialista, desde cedo estive em meio aos profissionais e logo mostrou aptidão com o que queria fazer na vida em relação à profissão. Ainda criança por volta dos 10 anos de idade, chegou ao pai com um pedido interessante, como ele mesmo conta: “Pedi ao meu pai para comprar um toca disco, ele comprou dois e eu emendava uma música na outra, nos intervalos, dava a hora certa e outras informações”, sendo esse seu primeiro treino para o que viria nos próximos anos.

Não sabe de quem estou falando? Lá vai uma dica em forma de charada: está em vários lugares ao mesmo tempo, no mesmo horário, mas não sai do lugar? Se você respondeu Carlos Siqueira, acertou! Entendeu suas aptidões logo, demonstrou inquietação para trabalhar e aos 15 anos de idade, pediu uma oportunidade ao pai na Rádio Caturité (Emissora radiofônica na cidade de Campina Grande, na Paraíba), como resposta seu pai o disse: “Você deve estudar, mas pode estagiar”. Logo, começou a trabalhar no departamento esportivo e foi colocado para jogo como lembra: “Eu gostava muito de futebol, e o diretor na época era Chico de Assis Olé. Ele me disse: ‘Você vai dar certo no negócio, quero você cobrindo futebol aos domingos ao vivo’, e lá estava eu aos 15 anos na minha primeira transmissão do clássico Campinense e Treze”. Assim, foi o início da missão do jornalista Carlos Siqueira, como ele descreve: “Eu faço

Jornalismo por amor e por sacerdócio, estou em uma missão há 35 anos na TV, porque nós podemos mudar a vida das pessoas e o trabalho social do jornalista é algo fantástico”.

Pouco a pouco, vou conhecendo mais detalhes sobre a sua carreira no jornalismo e seus primeiros passos, que saltou quando, aos 18 anos, enquanto estava fazendo transmissão de jogos na rádio, um dos diretores da TV Paraíba, emissora local, afiliada à TV Globo o escutou em ação e, logo após, foi convidado a fazer parte da equipe TV Paraíba. Com um sorriso no rosto relembra a trajetória: “Cheguei como repórter esportivo, depois fui repórter do JPB1 (o jornal de meio-dia da emissora) e aos poucos fui avançando, comecei a apresentação do JPB1, até ser chamado e convidado pela direção da empresa para assumir o departamento de jornalismo, e hoje sou chefe de redação da TV, editor chefe do JPB2 e também apresentador. Gosto de pensar que um dos meus legados aqui sem dúvidas, é a revelação de talentos para o mercado de trabalho, como: Danilo Alves, Zuila Davi, Monique Feitosa, Denise Delmiro e tantos outros”.

Nota-se na atmosfera das salas e corredores da emissora da TV Paraíba, local combinado para entrevista, o respeito e admiração que Carlos recebe da equipe de trabalho. Estar não somente presente, mas contribuir de forma construtiva com o desenvolvimento da comunicação, incentivar e apoiar os jornalistas que passam pela emissora, exprimir um posicionamento de paizão nele, ou talvez, se dê pelos longos anos de profissão. Seja qual for o motivo dessa fama, ela é verdadeira!

Ao longo dos anos na emissora esteve presente nas cinco gerações de equipamentos, saindo do videocassete chegando ao digital, tecnologias e formatos diferentes porém, mantendo o compromisso com a informação. Durante a conversa destaca a importância de fazer o jornalismo raiz, aquele feito para alcançar qualquer pessoa usando uma linguagem como ele diz: “Direta, clara e objetiva. Eu aprendi muito observando grandes nomes da televisão e também com o programa Globo Rural (Telejornal) porque ele ensina a linguagem do homem mais simples”.

Homem de fé e grato a Deus por todas as conquistas alcançadas até agora, como ele afirma: “Quando você consegue fazer o seu trabalho com honestidade naturalmente as coisas boas vão acontecendo”. Os anos dentro da emissora o consolidaram dentro do jornalismo, ganhando uma credibilidade para com o público de todo o Estado. De acordo com pesquisas de audiência o JPB2 é o telejornal líder de audiência no Estado da Paraíba, Carlos Siqueira, criou o slogan “O seu Jornal líder de audiência na hora do jantar”, ganhando por onde passa comentários dos telespectadores que param para ver o telejornal, e acrescenta: “Passei a pensar junto com a equipe como fazer um jornalismo que tenha a ver com esse instante, o instante da família”.

Mesmo com tantos anos de experiência e histórias vividas, Siqueira, assim como todo o mundo, não deixou de passar por um momento difícil da história: a pandemia. A pergunta mais óbvia a ser feita é: como foi trabalhar em uma pandemia? Uma pergunta simples para entender e longa para responder, já que envolve várias nuances!

Inicialmente, ele responde que foi necessário contar com a colaboração dos telespectadores, como Siqueira destaca: “Eles foram fundamentais no processo de informação”. Além de editor chefe da redação, foi eleito Presidente da CIPA (Comissão Interna de Prevenção de Acidentes) da empresa, sendo responsável por acompanhar a equipe e repassar as orientações médicas, como ele relembra: “Criamos um conjunto de medidas sanitárias internas, uma higienização que começava desde a espuma dos microfones, tudo com um material específico para não danificar os equipamentos. Tínhamos um protocolo para chegar e sair do trabalho, todos usando máscara e outros equipamentos de proteção individual”.

Com a pandemia, o trabalho do jornalista se tornou ainda mais desafiador e importante em sua opinião, pois a necessidade de apuração tornou-se mais rigorosa. Conta lembrando um pouco da rotina durante o período: “Eram tantas informações inverídicas que o nosso papel ficou mais desafiador. Passou a ser checar, ‘rechegar’, checar de novo. Faltando meia hora para o jornal começar, checar de novo. Então, todos ficaram numa paranoia de apurar para não cometer erros”.

Com a pandemia, o trabalho do jornalista se tornou ainda mais desafiador e importante em sua opinião, pois a necessidade de apuração tornou-se mais rigorosa. Conta lembrando um pouco da rotina durante o período: “Eram tantas informações inverídicas que o nosso papel ficou mais desafiador. Passou a ser checar, ‘rechegar’, checar de novo. Faltando meia hora para o jornal começar, checar de novo. Então, todos ficaram numa paranoia de apurar para não cometer erros”.

Hoje a TV Paraíba trabalha em um modelo convergente, em palavras mais simples é: se temos o mesmo propósito, devemos ficar juntos. Então, os jornalistas que fazem conteúdo para portais, rádio e TV da Rede Paraíba, dividem o mesmo espaço de trabalho, fazendo e compartilhando conteúdo, diminuindo lacunas entre as informações e funcionando de maneira muito mais ágil.

Entender como foi o trabalho durante a pandemia, mesmo que existam deduções e ainda assim, gera uma tonelada de perguntas, como: levaram equipamentos para casa? entrava ao vivo pelo celular? ensinavam as pessoas a gravar suas próprias entrevistas? e a qualidade do vídeo deixaram de se importar? As respostas a essas perguntas foram dadas por Siqueira, vou resumir:

Considerando o modelo de convergência que já era trabalhado e até mesmo as ferramentas usadas, quem produzia diretamente para portal e rádio, teve certa vantagem em home office, mas não significa que foi fácil, afinal, o jornalismo é muito dinâmico. Entretanto, algumas coisas simplesmente, só funcionavam dentro da empresa como: colocar o telejornal no ar! Eram muitas novidades e decisões a serem tomadas, e a primeira coisa em situações difíceis é fazer um balanço do cenário. Assim, a empresa avaliou as necessidades e as equipou de acordo com as necessidades de quem precisou trabalhar de casa. Com tanta tecnologia, os aparelhos celulares dispõem de muitas ferramentas, de modo que foi possível entrar ao vivo na TV pelo celular. Todos assumimos tarefas que antes não chegavam a ser cogitadas, então, passar orientações sobre as gravações foi necessária e na maior parte dos casos funcionou. E como muitos jor-

nalistas pontuam, naquele momento o foco é a informação, não é possível exigir uma alta qualidade, só a clareza.

Caminhando para o fim da nossa conversa, é inevitável não compartilhar as lições aprendidas durante a pandemia. Calmo e confiante, assim como faz todas as noites ao apresentar o telejornal, ele responde: “A vida humana é uma vela, uma passagem, a pandemia foi um momento de reflexão. É preciso estar atento às questões de saúde, respeitar as normas sanitárias, e a ciência que descobriu a vacina. Ficou um grande aprendizado para o telejornalismo, que ele pode ser feito de diversas maneiras sem perder a credibilidade que a pandemia nos ensinou”.

**11**  
**ANA SOUSA:**  
**OS BASTIDORES QUE NINGUÉM VÊ<sup>19</sup>**

Na pandemia passamos a produzir praticamente 90% com o celular  
[...].

**Perfis: Jornalistas em um pandemia**

53

## SINTONIZADA COM A VIDA EM UMA NOVA FREQUÊNCIA

Durante a infância, estamos rodeados de possibilidades, sendo um dos momentos da vida mais propícios de dar asas à imaginação e à criatividade. E também é nessa fase que projetamos nossos primeiros anseios sobre a vida adulta. Em meio à rotina de um dia de trabalho, a encontro para conversar e a conhecer de fato, e com esse pensamento começamos a conversar, o que sua versão criança queria ser quando adulta?

Ana Sousa, quando criança nunca imaginou que um dia iria trabalhar com comunicação, mas desde cedo sentia curiosidade sobre os programas de TV e como eram produzidos. Um outro interesse de Ana era o rádio, como ela relembra: “O rádio sempre fez parte da minha vida desde pequena, eu brincava fingindo que estava apresentando programas de rádio. Entrei no jornalismo por causa do rádio e acabei na TV”.

Com uma mente criativa e ansiosa, por colocar em prática os ofícios do jornalismo, ao entrar na graduação engajou-se no máximo de projetos para exercer a profissão, como ela conta: “Apesar de gostar muito de rádio, eu não consegui nenhum estágio no começo do curso, mas entrei como voluntária no projeto de Rádio Comunitária do professor Luiz Custódio. A experiência de montar o programa e apresentar me encantou e, depois de um tempo, me tornei monitora do projeto. Além do aprendizado, foi uma grande diversão e uma oportunidade de aprender e treinar ainda mais as técnicas de improviso durante programas ao vivo.” Ana também participou dos projetos de extensão como Repórter Junino e Comunicurtas ao longo dos anos de academia, experiências que só alimentavam ainda mais sua criatividade.

Ávida por aprender, correu atrás e como voluntária começou a fazer parte do Paraíba Online (Portal de notícias), como ela recorda: “Eu tinha uma amiga que trabalhava lá e através dela fiz contato com a chefe e pedi uma oportunidade para trabalhar, mesmo que de graça. Não tinha nenhuma vaga, mas eu a convenci a me deixar como volun-

tária, eu ia todos os dias trabalhar, isso me deu experiência de jornalismo digital”. Fez parte da equipe do Paraíba Online até passar na seleção do SESC (Serviço Social do Comércio), onde fez estágio na assessoria de comunicação, agregando mais uma atividade no currículo. Quando finalizou o contrato, entrou para a equipe de assessoria do Shopping Boulevard, experiência que mais uma vez ampliou e a fez aprender coisas novas, como ela destaca: “Foi onde eu acabei fazendo algumas coisas de marketing e administração, esse estágio era de seis meses mas, acabei saindo antes de finalizar para me dedicar aos últimos meses do curso e finalizar a monografia”. Como em uma espécie de checklist, já tinha passado pelas principais áreas do jornalismo, faltando somente a TV, e foi assim que ela tentou mais uma vez uma vaga de estágio.

A carreira no telejornalismo começou na TV Itararé (Emissora de TV na cidade de Campina Grande, na Paraíba. Atual rede ITA, afiliada TV Cultura), como estagiária na produção e repórter em ocasiões específicas. Tamanha competência na atuação das funções que entrou de vez no quadro de funcionários como ela relembra: “Eles gostaram muito do meu trabalho, mas a vaga de estágio era temporária, eles fizeram um contrato comigo criando uma vaga que não existia”. Poucos meses depois, foi aprovada na seleção do mestrado e passou a dividir os dias entre Campina Grande e João Pessoa por dois anos até efetivar o título de Mestre em Comunicação, pela Universidade Federal da Paraíba.

Após quatro anos trabalhando na TV Itararé, recebeu um convite de uma outra emissora: “Eu tinha uma amiga que trabalhava aqui e me procurou dizendo que Siqueira queria falar comigo. Na hora eu imaginei que fosse uma seleção, mas quando eu cheguei para falar com ele, não houve pergunta, ele já sabia toda minha vida, eu até brinquei perguntando se ele era do FBI (Departamento de Polícia Americano), porque ele descreveu todo meu trabalho até o momento. Então, ele fez o convite para trabalhar na TV Paraíba (Afiliada da Rede Globo) e me deu um prazo de 24 horas para decidir, e eu pirei (risos)”.



Aceitou o convite e entrou como editora auxiliar do JPB1 (Telejornal), dentro de poucos meses assumiu a função de editora do JPB2 (Telejornal), função que já desempenha há oito anos na emissora.

Em meio a tantas atribuições encontrou tempo de voltar às salas de aula, mas dessa vez como professora substituta e por quatro anos exerceu a função na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) lugar onde se formou, contribuiu para formação de outros profissionais orgulhosa, como ela destaca: “Quando eu voltei para a UEPB, eu queria revolucionar (risos). De cara me deram oito disciplinas e foi uma loucura, eu precisei fazer várias adaptações na minha rotina na TV, porque na hora da aula era a hora que o jornal estava no ar. Mas, no final deu certo, foi uma grande realização na minha vida contribuir nesse processo de formação”. Nesse tempo também fez parte de outra instituição de Ensino Superior na Faculdade Cesrei (Faculdade Particular). Atualmente leva uma vida mais tranquila com a rotina da TV e desenvolvendo seu próprio negócio, como ela chama a “Eugência”, atuando como empreendedora do marketing digital. Um segmento voltado para redes sociais onde ela coloca grande parte da criatividade na hora de produzir conteúdos, uma ideia que por muito tempo ficou parada mas, que nos últimos anos ela começou a colocar em prática.

Muito antes de imaginar que enfrentaria uma pandemia, em um dos aniversários da cidade de Campina Grande, foram produzidas reportagens usando apenas o celular como recurso de captação das imagens. O que na época gerou estranheza entre os funcionários, uma proposta inovadora na hora de produção, como relembra Ana: “O desafio era fazer uma série de reportagens gravadas totalmente com celular, foram três produções feitas. O editor de imagem foi muitas vezes para rua com o celular para gravar, e o cinegrafista teve que se adequar, já que não podia fazer imagens com a câmera, passou a também buscar entender o cenário e usar o próprio celular para gravar. E essa foi a primeira produção feita nesse modelo a ser transmitida no Estado da Paraíba”. Quando a pandemia chegou e a rotina foi alterada dentro da redação, essa experiência foi um divisor

de águas na emissora, e o que foi uma produção atípica tornou-se diária.

Muitos detalhes e processos são necessários para o Jornal ir ao ar, como chefe de edição, Ana, ao longo das horas de trabalho, tem grandes responsabilidades para que tudo saia como planejado, ou em caso de surpresas, que estas não venham a atrapalhar esse funcionamento. Responsável por planejar o jornal, editar reportagens, escrever scripts e coordenar os repórteres que entram ao vivo na hora do jornal, Ana conta que durante a pandemia a produção ficou ainda mais difícil, mas com o auxílio de tecnologias e a internet foi possível preencher algumas lacunas.

Durante a nossa conversa, Ana relembra um quadro que ia ao ar durante a pandemia: “Teve um quadro que se chamava: “Como está a sua quarentena?” As pessoas mandavam vídeo, respondendo como estava sendo o isolamento social. Cada vez mais as pessoas queriam participar mandando vídeo, mesmo que a imagem não fosse 100%, mas era o que estava acontecendo e isso era o mais importante no momento”.

Ana ainda acrescenta que: “Na pandemia nós não podíamos salvar vidas diretamente, mas conseguimos cobrar por vacinas, desmentir Fake News e mostrar qual o nosso papel na sociedade, que é informar e contribuir na vida das pessoas com as informações corretas”. Pesquisas sobre audiência confirma que os meios tradicionais de notícias tiveram um crescimento durante a pandemia, como ela destaca: “Por mais que tivesse uma chuva de informação circulando nas redes sociais, as pessoas não tinham certeza se era real ou não, então elas iam ver o jornal para entender o que era fato ou fake e buscar ainda mais informações”.

Enquanto ela me leva para conhecer a equipe de trabalho e a sala de onde coloca o telejornal no ar, a questiono sobre como foi o fim da pandemia e a volta a uma normalidade de trabalho, com expressão de alívio ela responde: “Não víamos a hora de tudo aquilo acabar, parecia um filme de terror. Também ficaram muitos ensinamentos de vida pa-

ra cada um, nos mostrou o quanto a nossa informação é essencial e o quanto isso pode fazer a diferença na vida das pessoas." Ao responder minha pergunta sua atenção se volta ao cronômetro fixado no alto da parede da sala, que marca em tempo decrescente as horas que faltam para o telejornal ir ao ar nesse dia, nesse clima de preparação e espera nos despedimos.

12

## **TAIGUARA RANGEL: REMANDO CONTRA A MARÉ DA DESINFORMAÇÃO<sup>20</sup>**

“Inicialmente não sabíamos como agir naquela situação, mas precisávamos informar e lidar com tanta desinformação. Jornalisticamente, era uma constante atualização foi uma evolução de 100 anos de cobertura na área de saúde em dias!”.

**Perfis: Jornalistas em um pandemia**

59

## ENTENDENDO AS REDES DIGITAIS

Como numa espécie de visita ao passado não muito distante desse momento, nada mais cômodo que voltar ao lugar onde tudo começou, digamos assim. Neste regresso de fatos que abordamos no atual presente, para entender quem está à minha frente e a minutos de compartilhar informações não sigilosas, mas relevantes o bastante para serem anotadas e apresentadas em sociedade. Começo com perguntas a fim de traçar uma linha cronológica de crescimento desse jornalista que todos os dias, coloca-se à disposição no combate da desinformação.

Taiguara Rangel nasceu em 1988 na cidade de Campina Grande-PB, onde morou a maior parte da infância, antes de ir viver na cidade de Esperança, também na Paraíba, em companhia do avô. Recorda alguns passatempos que estimulavam sua criatividade quando criança: “Eu gostava de fazer recortes de jornal/revista, e desenhar histórias em quadrinhos. Eu fiz a minha própria editora com um desenho bem rabiscado, fazia jornalzinho da escola e lia muito, aquilo era como uma brincadeira”. Acrescenta que ficava sentado em frente à televisão assistindo o jornal, atento ao conteúdo das propagandas e que as ideias criativas o atraíam para o lado da comunicação.

Ainda muito jovem, aos 11 anos mudou-se para Fortaleza, por cerca de dois anos, antes de volta a Campina Grande, e prestar vestibular, como ele relembra: “Eu sabia que minha área era humanas e acabei prestando vestibular para Direito na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), mas quando já estava há três anos na graduação resolvi prestar vestibular novamente, dessa vez para o curso de Arte e Mídia na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e Comunicação Social, com habilitação em jornalismo, na (UEPB), fiquei nas três graduações ao mesmo tempo”. A rotina com três graduações durou apenas seis meses, devido às demandas optou por reduzir para dois cursos Direito e Comunicação Social, embarcando nas oportunidades

que os cursos ofereciam. Quando chegou ao terceiro período em Comunicação Social, foi selecionado no processo de estágio do Jornal da Paraíba, jornal impresso que circulava no estado, onde ficou por dois anos, sendo contratado como repórter logo após a formatura, ficou por 10 meses na função até o surgimento de uma nova vaga. Taiguara foi o terceiro repórter do G1 Paraíba, portal de notícias da Rede Paraíba de Comunicação, ainda destaca que: “O meu sonho sempre foi ir para o digital, independente da marca ou emissora. Queria ser jornalista e trabalhar com conteúdo digital”.

Aos poucos, é possível notar que mesmo com um jeito tímido de conversar Taiguara, apresenta uma das maiores características para um bom jornalista que é a curiosidade e fome de saber. Noto esse fato quando ele revela um pouco de si entre as perguntas, ao dizer que: “Quando comecei a trabalhar no G1, não tinha nenhuma experiência com digital. Mas, sempre fui muito escavador de conteúdo, então, comecei a estudar sobre tudo que envolvesse o digital, precisei buscar informações que ainda não faziam parte do meu mundo para desempenhar meu trabalho naquele momento”.

Enxergando um futuro promissor no jornalismo digital, iniciou uma trajetória cedo, explorando as oportunidades que surgiam pelo caminho visando um crescimento na área digital. Escolhas estas que resultaram em consequências positivas para ele, com sentimento nostálgico relembra esse início: “Comecei no digital em 2011. Em 2015 surgiu uma oportunidade para uma vaga de coordenador Web na TV Asa Branca (Afiliada da Rede Globo, na cidade de Caruaru, em Pernambuco) quando eu cheguei, estava exatamente em momento de reestruturação tanto da TV quanto do Portal G1. Eu fiquei à frente dele e do globoesporte.com (Atual GE), redes sociais e o portal institucional da casa, e o desafio era recuperar a audiência do portal, que era baixa, e nós conseguimos subir esses números. Um ano depois, em 2016, surgiu uma outra vaga como editor chefe no G1 Paraíba, na cidade de João Pessoa, e eu fiz a seleção e passei”. Atualmente, Taiguara é chefe de Redação WEB na Rede Paraíba de Comunicação.

Taiguara esteve presente durante o processo de unificação dos portais e das redações das TVs Cabo Branco, G1 Paraíba e Jornal da Paraíba, em uma redação integrada, ou seja, quando elas passaram a funcionar no mesmo ambiente, coisa que antes acontecia em prédios diferentes. Essas alterações começaram em 2019 e esse novo modelo de trabalho trouxe benefícios, como a facilidade de comunicação entre os profissionais nas equipes. Em sua função dentro da emissora propôs, junto com a equipe a criação de programas, séries especiais, conteúdos de forma geral para as plataformas digitais. Em paralelo ao jornalismo começou a fazer outros trabalhos e conhecer mais sobre marketing digital, tráfego pago, copywriting, storyteller e outras vertentes do digital para melhorar sua função como gestor.

Assim como a grande maioria dos profissionais do jornalismo em meio a pandemia, Taiguara também passou a trabalhar home office e ele explica como foi esse momento: “O nosso trabalho passou a ser 100% remoto, no geral tínhamos esse privilégio, mas outros colegas como os repórteres que precisavam ir às ruas, não. A TV fez uma série de experimentações, certos arranjos para melhorar as condições de trabalho. Se tinha algum sintoma ou um parente sintomático, já ficava em casa e esperava alguns dias até voltar à ativa. Depois do período mais conturbado de casos, quando começou uma certa estabilização, os números estavam em uma linha decrescente e já tinha vacina, nós voltamos em uma forma híbrida. Nesse período, na equipe, graças a Deus, não tivemos casos graves, mas eu perdi meu avô, ele morreu em decorrência da Covid-19 e eu tive que trabalhar normalmente”.

Com uma personalidade calma e um sorriso cativante, acrescenta que lidar com as informações foi como “nadar contra a maré”, em meio a tanta desinformação. A cada hora uma nova lição jornalística e ainda evoluir 100 anos de cobertura na área da saúde em dias. Define como momento conturbado, considerando o imediatismo da situação, e em pouco tempo entender como lidar com desencontros de informação na internet. Em meio à pandemia, cresceu a busca da sociedade pelos portais, na hora de informar-se, principalmente quando o assunto era Covid-19.

Dos vários questionamentos que faço para entender como foi o trabalho, o questiono como foi lidar com o compartilhamento de informações durante a pandemia por parte dos órgãos públicos, e ele rapidamente responde: “Nós trabalhamos muito com dados, durante a pandemia passamos pelo processo inverso de transparência da informação em relação a isso. No início, tínhamos o poder público com atualizações frequentes em relação a números da pandemia. Mas essas informações foram cada vez mais murchando, deixando de chegar ou não chegando. Nossa única fonte de informação passou a ser a Secretaria de Saúde, e o G1 Paraíba junto ao Consórcio de Veículos de Imprensa (Parceria estabelecida entre 8 de junho de 2020 e 28 de janeiro de 2023, entre os veículos de imprensa brasileiros: O Estado de S. Paulo, G1, O Globo, Extra, Folha de S.Paulo e UOL) firmando essa parceria para continuar recebendo essas informações e continuar fazendo essa cobertura e acompanhamento dos números. Caso não, hoje não teríamos nenhuma informação sobre o número de casos da Covid, isso não pela morbidez do quero saber quantos números, mas para saber o que fazer e como ajudar a orientar a população”. Ainda destaca como tudo isso foi importante e complexo ao mesmo tempo, abastecer planilhas com esses dados obtidos pelo Consórcio para que os 223 municípios da Paraíba ficassem informados. E a dificuldade diária de contextualizar as informações para ser realista e não alarmista diante dos fatos.

Enquanto conversamos em uma sala reservada no estúdio da TV Paraíba, emissora onde deu o pontapé inicial no jornalismo. Ele relembra um outro ponto de dificuldade vivenciado durante a pandemia, que foi o momento de checagem de informações devido às limitações de ir para a rua, como assim ele descreve: “Tínhamos que contar muitas vezes com a parceria da TV, que era quem tinha mais gente sendo mobilizada na rua. Enquanto fazíamos mais um trabalho de produção, edição e finalização. Então, como saber se um personagem estava realmente falando a verdade ou não, um cartão



de vacina tinha sido adulterado ou não, como saber se um documento de internação era real, tudo isso foi um processo bem complexo de checagem. A checagem era feita na internet e nos bancos de dados, e se não era possível assim ficava bem mais difícil nosso trabalho”.

Em meio a confusão e desordem da pandemia, as adaptações colocadas em prática em tempo recorde que sucederam de maneira positiva, Taiguara compartilha que os grupos em aplicativos de mensagens ainda são mantidos, já que o uso dessa ferramenta veio a facilitar a rotina de trabalho. A facilidade da informação na palma da mão, possibilitando a troca de informações acerca de diversos temas não só mais sobre pandemia é vista como benéfica nas redações. Enxergando os benefícios dessa troca entre os dois lados da notícia, além de deixar o processo de produção mais ativo, facilitou a distribuição de informações.

Finalizando nossa conversa, que contribui para descrever a dedicação de um jornalista que sobreviveu a pandemia e a luta contra a desinformação, o questiono sobre as lições que esse período deixou em sua vida profissional, e ele responde que: “Nos fez rever a nossa profissão, nosso trabalho e como podemos melhorar o mundo ao nosso redor”. Mesmo com tantos anos de experiência em jornalismo digital e suas constantes mudanças, sem dúvidas enfrentar uma pandemia alterou sua dedicação ao trabalho. Enfrentar as incertezas e constantes mudanças no jornalismo, sempre será uma batalha, afinal o trabalho nunca para.

**13**

## **HIPÓLITO LUCENA <sup>21</sup>**

“Sobrevivemos e estamos sujeitos a um novo processo de mudanças a qualquer momento. [...] Precisamos ser mais solidários, fraternos e compartilhar mais ainda os bons momentos da vida”.

**Perfis: Jornalistas em um pandemia**

65

## LUZ, CÂMERA, AÇÃO!

Nascido no Sertão Paraibano, na cidade de Catolé do Rocha, Hipólito de Souza Lucena é o sétimo dos onze filhos que o casal Raimundo Lucena de Sá e Maria das Neves de Souza Lucena tiveram, uma família grande e animada na hora do jantar. Ainda pequeno com três anos de idade, migrou junto com a família para a cidade de Caicó, situada na microrregião do Seridó Potiguar, cidade que pertence ao Estado do Rio Grande do Norte, onde permaneceram até o final da década de 70, quando novamente tornaram a mudar desta vez para a cidade de Campina Grande, na Paraíba. Uma trajetória cheia de mudanças e adaptações que o acompanham até hoje.

Hipólito relembra como foi crescer em meio a tantos irmãos e com pais à frente do tempo: “Somos 11 irmãos, sete homens e quatro mulheres. Meu pai era advogado, contador, administrador era um homem estudado e minha mãe estilista, costureira e ativista de causas comunitárias, ambos preocupados em proporcionar educação de qualidade e liberdade aos filhos para escolher o que fariam da vida, o que acredito que me ajudou bastante nas minhas decisões acadêmicas”.

Quando chegou na cidade de Campina Grande, entre o final da década de 70 e início dos anos 80, época marcada pelo fim da Ditadura Militar no Brasil (Regime autoritário instaurado em 1 de abril de 1964 que durou até 15 de março de 1985), fim da censura e repressão a liberdade de imprensa como ele, destaca: “Estávamos no processo de início da abertura de democracia do país, e o Colégio Estadual da Prata se revelou com um fomento para uma geração, com um vínculo muito grande com a arte e cultura. A geração anos 80 foi quando explodiu muita coisa, e o Colégio foi um berço para realizar muitas provocações e transformações nesse período”. Esteve desde cedo engajado com movimentos que propunham melhorias na sociedade e nos grupos de convívio como ele revela, como restituir o

Grêmio Estudantil (É a entidade que representa os estudantes em uma instituição) e lutas para derrubar a obrigatoriedade do fardamento.

Interessado em temáticas culturais, encontrou-se ao ler a ementa do curso de Educação Física, pois havia disciplinas relacionadas à recreação como dança, já para no quesito jornalismo diz que sempre se sentiu provocado pela formação, principalmente quando relacionado ao lado artístico. Hipólito, levou dez anos para concluir a graduação em Comunicação Social como ele, relembra: “Eu demorei muito tempo para terminar, eu viajava muito e passava muitas temporadas fora do país. Quando eu voltava para terminar tinha acontecido mudanças tanto, que eu precisei prestar vestibular novamente para concluir no ano de 1997”.

Ao longo da carreira profissional prestou serviço para as emissoras tradicionais da cidade como Rede Globo, TV Correio, Diário dos Associadas e outras como ele destaca: “Fiz produções de eventos na Rede Paraíba como o Forró Fest, Primavera na Serra e vários projetos que existiam. Sempre como freelancer, nunca fui devoto das bancadas de redação”. Realizou trabalhos ligados à assessoria sobretudo no campo cultural, o que favoreceu a percepção a divulgação e crescimento dos eventos, aos quais estava engajado.

Assíduo no quesito conhecimento sempre buscou atualizar-se e vivenciar novas experiências, chegou a atuar como professor ao longo dos anos. Deu aula nas primeiras turmas do curso de Arte e Mídia na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), antes desta tornar-se autônoma e ser estabilizada como Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), nas disciplinas de Fotografia e Cinema. Também foi professor dos cursos de Turismo, Administração e Arquitetura e Urbanismo, como ele ressalta: “Sempre trabalhando com o Patrimônio Cultural e História da Arte”.

Chegou na UEPB em 2005 a convite da reitora da época, como ele relembra: “Quando a professora Marlene Alves assumiu a Reitoria me

convidou para prestar assessoria para a Universidade. Me tornei o primeiro coordenador de Arte e Cultura, criado na estrutura da Universidade e iniciando uma fase de grandes produções. Nessa época estudei muito para entender como funcionava a assessoria institucional, sobre: como abrir portas, derrubar barreiras e obter recursos”.

Antes da pandemia, por volta de 2008 - 2009, usando como objeto de estudo já estudava sobre o universo digital, como ele conta: “Eu já estudava as transmissões online e fazia lives lá em 2010 usando plataformas como a US Streaming (Plataforma Americana) , em outro momento o Twitcam. Os primeiros protótipos das plataformas que temos hoje, então, estava surgindo nós já estávamos experimentando dentro das limitações de internet que tínhamos no momento. Tudo isso além de entender o jornalismo e as convergências até chegar ao momento atual”.

Desde o ano de 2013 está na função de coordenador da Assessoria de Comunicação da UEPB, o que é fundamental para formação do profissional que é hoje como pontua: “Esses 10 anos me deram uma bagagem muito importante para compreender os meios, as ações e instituição lidando com as demandas de maneira objetiva e positiva”.

Em meio a pandemia quando as campanhas de vacinação tiveram início, surgiu a ideia de produzir um conteúdo. Uma parceria formada por colaboradores de diferentes áreas que juntos produziram o clipe da música “Errante<sup>22</sup>”, como relembra Hipólito: “Foi uma ideia coletiva, estávamos no processo de vacinação da Covid-19 e surgiu a possibilidade de fazer alguma coisa com a companhia Raízes”. Envolvendo a pandemia e o sucesso de uma participante no programa Big Brother Brasil 2021, a Juliette que é da cidade de Campina Grande. Como já estava no fim da temporada do programa, rapidamente foi montada a equipe e em dois foram captadas as imagens pelos principais pontos da cidade, finalizando em poucas semanas a edição do clipe.

O clipe foi distribuído em vários canais tendo uma grande repercussão, a produção em meio a pandemia foi realizada obedecendo às normas sanitárias de saúde, Hipólito ainda acrescenta: “Uma produção feita sem recurso nenhum, feita de forma colaborativa desde a parte técnica da captação de imagens, edição, estética, criativa, atuação e dançarinos que aceitaram participar do clipe”. A música Errante está na voz de Bruna Ene feat. Bráulio Bessa e participação de Waldonys, o clipe teve direção-geral de Hipólito Lucena e a finalização de Mahatma Vieira, junto a tantas outras pessoas que colaboraram na produção.

A iniciativa de utilizar as plataformas digitais para divulgação de demandas relacionadas à Universidade ganhou destaque no período da pandemia, o que foi o ponto-chave para manter em um novo formato os eventos da própria Universidade, já que com o auxílio da internet era possível conectar de maneira online as pessoas todos em segurança nas residências para participação dos eventos. Após o planejamento de realização e suporte foi possível continuar com o calendário acadêmico para a programação de Congressos, Webinários dentre outros.

Hipólito como jornalista, produtor, ator e cineasta acrescenta que a pandemia foi extremamente difícil e cheia de adaptações em todas as áreas de atuação: “As empresas as quais nós distribuímos material passaram a entender que qualidade técnica não era o mais importante no momento e sim a informação. O programa CBN Universidade para a Rádio CBN Campina Grande, sendo pela UEPB não podia parar então tivemos uma série de adaptações desde as entrevistas até a edição, e vimos que produzir com o celular não deixava devendo, adaptações que ainda mantemos na rotina de trabalho”.

Ele descreve quais foram os primeiros passos diante do cenário inicial da pandemia, da seguinte forma: “A UEPB deu um passo decisivo sob a liderança do ex-reitor Rangel Júnior e o pró-reitor Eli Brandão, na procura de encontrar saídas para a questão do ensino.

Naquele momento houve uma reunião com os representantes de todas as instituições de ensino superior da cidade de Campina Grande, na sede da UEPB para decidir “parar ou não as aulas”. A decisão levou cerca de três semanas, como ele relembra, afinal não tratava-se somente de suspender as aulas considerando o momento e as normas de segurança recomendadas, mas também apresentar soluções aos estudantes.

Nesse processo de adequação, a instituição iniciou processos internos de mapeamento dos alunos, para entender o cenário e propor soluções que apresentassem o mínimo de evacuação de alunos. Editais para bolsas de auxílio internet ou aquisição de equipamentos foram abertos, durante esse período e a universidade esteve em constante atividade de acompanhamento para garantir o máximo sucesso. Dias de grande exaustão, já que o volume de atividades aumentou exponencialmente, ao lidar com a comunicação dos oito campus da UEPB espalhados pelo Estado.

Por um momento Hipólito, para e com ar pensativo estima que: “Nesse período na Rede TV UEPB<sup>23</sup>, a plataforma do YouTube produzimos entre 700 a 800 vídeos sejam eles produções acadêmicas ou Webinários, foi um volume significativo, com uma equipe bem resumida cada um produzindo a sua maneira de casa”.

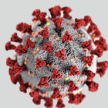
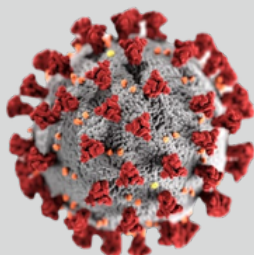
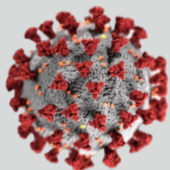
Hipólito conta que todas as decisões tomadas foram frutos de discussões em reunião para chegar a solução mais viável e que isso foi um processo longo no conselho da universidade (CONSUNI). Ele pontua que: “Tivemos reunião estendida por três ou quatro sessões, com quase ou mais de 20 horas de debate. Um processo muito democrático dentro da Universidade, todos os pontos colocados à mesa para discussão, levando em consideração cada departamento e suas necessidades, analisados prós e contras considerando a pandemia”. E acrescenta que após a chegada da vacina passou-se a ter o retorno gradual das atividades presenciais, decisões tomadas após as discussões no CONSUNI e que: “Foi necessária uma adapta-

ção para entrar no modo remoto e voltar ao presencial também foi uma nova adaptação, o presencial não era o mesmo de antes. Voltamos de modo híbrido, em vários setores e departamentos da Universidade, e depois dessa adaptação que toda a comunidade passou a resistência ou críticas que existem em relação ao ensino remoto já não é mais tão dura ou contrária depois da pandemia”.





**Litália Barros Araújo** nasceu em 1999 na cidade de Campina Grande na Paraíba. Quando criança adorava sentar em frente a TV e acompanhar a programação do canal Cultura, hábito que a levou a ganhar da sua avó o apelido de garota da TV. Uma criança curiosa que adorava ler gibis e conversar, traços que a fizeram descobrir talentos na comunicação. Ao longo dos anos todas as atividades com que comprometia-se, confirmavam o talento para contar histórias, o que a fez dedicar os últimos cinco anos a aprender os ofícios do jornalismo na Universidade Estadual da Paraíba. Atualmente, como trabalho final do curso na modalidade de produto midiático escreveu esse e-book, seu primeiro livro digital, contribuindo para a documentação de relatos em uma outra perspectiva dos jornalistas sobre a pandemia, uma crise sanitária global que marcou o século.



# PERFIS: JORNALISTAS EM UMA PANDEMIA

*Litália Araújo*